

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

2º CICLO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS
BÁSICO E SECUNDÁRIO



UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Carlos Manuel Fernandes Ramoa

Vila Real, 2020

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

2º CICLO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS
BÁSICO E SECUNDÁRIO

Orientador UTAD: Professor Doutor Luís Vaz

Orientador Cooperante: Professor Vítor Bastos

Mestrando: Carlos Manuel Fernandes Ramoa

UTAD

Vila Real, 2020

Relatório elaborado com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, na Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, em conformidade com o Artigo 20.º, alínea b) do Decreto-Lei n.º 79/2014 de 14 de maio, sob a orientação do Professor Doutor Luís Vaz.

Agradecimentos

À Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e à cidade de Vila Real por me proporcionarem os meios para a realização do meu sonho e por me permitirem fazer amizades que com toda a certeza durarão a vida inteira.

Ao Professor Luís Vaz por toda a ajuda prestada ao longo da realização deste documento e por toda a sua celeridade no esclarecimento de dúvidas.

Ao Professor Vítor Bastos por toda a sua disponibilidade e simplicidade.

Aos meus pais, em especial à minha mãe, por ser uma referência de superação e resiliência, pelo amor e apoio incondicional que me tem dado ao longo da vida.

Ao meu irmão por nunca desistir de mim e nunca me deixar desistir desta caminhada, pelo seu incentivo, apoio, carinho e amizade. Por ser a maior referência na minha vida.

À minha namorada por todo o seu amor, paciência e compreensão na partilha de um trajeto comum. Por partilhar comigo todos os momentos de alegria e de tristeza estando sempre a meu lado. Por ser um pilar fundamental ao longo de todo este percurso.

Aos meus verdadeiros amigos de Licenciatura e Mestrado por todas as aventuras vividas ao longo deste grande trajeto.

A todos os meus grandes amigos que me têm acompanhado desde a infância por serem parte integrante da minha vida, pela sua lealdade e confiança.

Aos alunos das turmas 8^ªA e 10^ºC pelo seu exemplar comportamento e pelo excelente ano que me proporcionaram, fazendo-me crescer enquanto professor.

Índice

Agradecimentos.....	IV
Resumo	VII
Abstract	VIII
Abreviaturas	IX
1.Introdução	1
2.Dimensão Pessoal.....	2
2.1 Enquadramento pessoal.....	2
2.2 Expectativas Iniciais.....	3
3.Contexto de Intervenção.....	4
3.1 A Escola.....	4
3.2 Núcleo de Educação Física.....	5
3.3 Turmas	5
3.4 Estudo de Turma.....	6
4. Estágio Pedagógico.....	9
4.1 Planeamento.....	9
4.1.1 Plano Anual.....	10
4.1.2 Unidades Didáticas	11
4.1.3 Planos de Aula	13
4.2 Prática de Ensino Supervisionada	14
4.2.1 Técnicas de Intervenção Pedagógica.....	16
4.2.2 Feedback.....	19
4.3 Balanços.....	20
4.4 Avaliação.....	21
5. Atividades Organizadas pelo Núcleo de Educação Física.....	24
5.1 Torneio de Voleibol 4x4.....	24
5.2 Meeting de Atletismo do 1º Ciclo.....	24
5.3 Torneio de Badminton 2x2	24
5.4 Corta-mato escolar	25
5.5 Torneio de Basquetebol	25
5.6 Corta-mato pré-escolar e primeiro ciclo	25
5.7 Torneio de Futebol 7x7.....	25
5.8 Dia do Patrono.....	26
6. Reflexão Crítica.....	27
7. Considerações Finais	30

8.Referências Bibliográficas	31
9.Anexos	32

Resumo

O presente relatório tem como finalidade ser um retrato ilustrativo e reflexivo sobre o estágio pedagógico realizado no ano letivo de 2018/2019. Este relatório surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Estágio Curricular decorreu no Colégio João Paulo II onde o estagiário esteve inserido no Núcleo de Educação Física do colégio sendo acompanhado por um Professor Cooperante bem como por um Professor Orientador por parte da universidade. Teve a seu cargo duas turmas, o 8ºA referente ao ensino básico e o 10ºC correspondente ao ensino secundário, ambas compostas por 24 alunos. A reflexão crítica sobre todo o processo é um dos grandes focos do documento com o objetivo de analisar toda a trajetória do estagiário como também a sua conduta enquanto docente. Trata-se de uma ferramenta essencial para o desenvolvimento profissional e pessoal do professor estagiário na sua futura profissão. O caminho percorrido foi pautado por uma constante pesquisa, rigor e total disponibilidade por parte do estagiário para abraçar este desafio sempre na procura do conhecimento para fazer face às adversidades inerentes a todo o processo ensino-aprendizagem. Finda esta etapa, foi possível perceber que ser professor de Educação Física em contexto escolar exige não só a aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação académica anterior, mas também o conhecimento da realidade de cada escola, turma, aluno. O aspirante a professor aprendeu a respeitar e adaptar-se às fragilidades e lacunas do sistema educativo e mais que tudo à sensibilidade e particularidade de cada aluno de forma a incrementar o gosto pela disciplina que deverá ser propulsora da prática de atividade física no futuro.

Palavras Chave: Estágio Pedagógico; Educação Física; Ensino-aprendizagem

Abstract

This report is intended as an illustrative and reflective portrait of the pedagogical internship developed in the 2018/2019 school year, part of the Master in Teaching Physical Education in Basic and Secondary Education by the University of Trás-os-Montes and Alto Douro. The Curricular Internship took place at the João Paulo II College where the intern was inserted in the school's Physical Education Nucleus being accompanied by a Cooperating Professor as well as a Guiding Professor from the university. He was in charge of two classes, 8^ºA referring to basic education and 10^ºC corresponding to secondary education, both composed of 24 students. The critical reflection on the whole process is one of the major focuses of the document with the objective of analyzing the trainee's entire trajectory as well as his conduct as a teacher. It is an essential tool for the professional and personal development of the trainee teacher in his future profession. The path taken was guided by a constant research, rigor and total availability on the part of the intern to embrace this challenge always in search of knowledge to face the adversities inherent in the whole teaching-learning process. After this stage, it was possible to perceive that being a Physical Education teacher in a school context requires not only the application of the knowledge acquired during the previous academic formation, but also the knowledge of the reality of each school, class, student. The intern has learned to respect and adapt to the debilities and gaps of the educational system and, above all, to the sensitivity and particularity of each student in order to increase the passion for the discipline that should be the driving force behind the practice of physical activity in the future.

Keywords: Pedagogical Internship; Physical Education; Teaching-learning

Abreviaturas

CJPII – Colégio João Paulo II

EF – Educação Física

EP – Estágio Pedagógico

ET – Estudo de Turma

FB – Feedback

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PA – Plano de Aula

PC – Professor Cooperante

PNEF – Programa Nacional Educação Física

UC – Unidade Curricular

UD – Unidade Didática

UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

1.Introdução

O presente documento expõe uma reflexão pessoal da Unidade Curricular (UC) Estágio inserida no plano de estudos do 2º ano do 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

O Estágio Pedagógico (EP) foi realizado no ano letivo de 2018/2019 no Colégio João Paulo II (CJPII) situado na cidade de Braga. Dentro do universo CJPII, o estagiário foi acompanhado pelo orientador e professor cooperante (PC) Vítor Edgar M. Bastos. Em consonância com o orientador, as turmas A e C do 8º e 10º ano respetivamente ficaram a cargo do professor estagiário no decorrer do ano letivo em questão. Relativamente ao acompanhamento por parte da universidade, este, ficou a cargo do professor doutor Luís Vaz.

O facto de a UC ser do tipo anual e a carga horária ser substancialmente maior do que as restantes UC's contempladas no plano de estudos atesta desde já a importância que é atribuída ao EP.

A assunção de um compromisso com a profissão, e a construção da sua identidade enquanto docente são dois importantes fatores que o EP permite ao professor estagiário vivenciar (Silva, Ferragini, & Tognato, 2018). Inerentes a estes dois fatores estão também os atos de observação, planeamento, reflexão e análise crítica sobre todas as decisões tomadas neste contexto. Este, é um importante momento da formação do futuro professor na medida que lhe proporciona a participação num processo pedagógico devidamente estruturado, com também, oportunidades de relacionar a teoria com a prática enquadrado na realidade escolar onde está inserido (Raymundo, 2019).

Serve o presente documento para apresentar a atividade desenvolvida pelo estagiário ao longo do ano letivo de forma crítica e reflexiva. A reflexão é uma análise da prática docente do estagiário com o objetivo de melhorar a planificação do processo ensino-aprendizagem assim como a futura prática profissional. Através da reflexão é possível a construção de um sujeito mais crítico e consciente da sua própria conduta (Silva et al., 2018).

Sendo assim, o documento assume-se como uma reflexão final de todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo e encontra-se dividido em oito capítulos: (1) Introdução, onde são apresentados os principais temas desenvolvidos ao longo do documento; (2) Dimensão Pessoal, apresentação do percurso biográfico do estagiário bem como as suas expectativas relativamente ao EP; (3) Contexto de Intervenção, relativo ao enquadramento institucional; (4) Estágio Pedagógico, discriminação das tarefas inerentes ao estágio; (5) Atividades Organizadas pelo Núcleo de Educação Física, explanação da participação do estagiário dentro destas atividades; (6) Reflexão Crítica, análise crítica ao próprio comportamento dentro do estágio, sugestões de aperfeiçoamento; (7) Considerações Finais, balanço final de todo o processo; (8) Referências Bibliográficas representativas de toda a pesquisa no âmbito do EP.

2. Dimensão Pessoal

2.1 Enquadramento pessoal

Contrariamente à era tecnológica que reina nos dias de hoje e que tanto furor faz nas nossas crianças, a infância do estagiário foi pautada por inúmeros momentos de brincadeira na rua e no bairro. Os fins de semana, bem como as férias escolares, eram passados no convívio com os amigos. Os jogos tradicionais, o futebol, as brincadeiras no parque infantil, as idas à piscina faziam parte da rotina diária, sendo a bicicleta o principal meio de transporte utilizado. Os sentimentos de felicidade e de liberdade vivenciados são, ainda hoje em dia, recordados com saudade e incapazes de serem replicados.

A busca constante dessas sensações foi o principal motivo impulsionador para o início da vida desportiva do estagiário. Embora o meio aquático e a natação fizessem parte da sua vida desde tenra idade, a sua frequência era incentivada principalmente pelo agregado familiar e não uma escolha exclusivamente da parte do estagiário, apesar de nutrir um carinho muito grande pela modalidade. Na sua ótica, em criança e durante o período escolar, o momento de intervalo das aulas, não era o suficiente para assegurar a desejada confraternização com os colegas. Foi precisamente nesse sentido que surgiu o desejo de praticar, junto com os amigos, algum desporto fora do contexto escolar. A escolha recaiu então sobre o futebol concomitantemente com a natação.

Aquando da entrada no ensino básico, e com a frequência à disciplina de Educação Física (EF), o estagiário teve a possibilidade de praticar e conhecer novas modalidades aumentando assim o seu interesse pelo desporto. Sendo assim, parecia pleno de sentido optar pela escolha de um curso profissional relacionado com a área desportiva no início do Ensino Secundário. Todavia, a escolha recaiu sobre o Curso Científico Humanístico de Ciências e Tecnologia na Escola Secundária Carlos Amarante devido ao facto de ser um curso que possibilitava um maior leque de escolha aquando do ingresso no Ensino Superior. Fazendo uma retrospectiva, a escolha não se revelou muito profícua para o estagiário por não se rever nas disciplinas contempladas no plano de estudos do Curso, originando assim alguma desmotivação.

Os anos foram passando e a paixão pelo desporto manteve-se apesar de ter passado para um contexto meramente recreativo, traduzindo-se neste caso pela prática recorrente de atividade física.

Chegada a altura do acesso ao ensino superior e mediante forte ponderação, desta feita, a escolha recaiu por um curso no âmbito desportivo, no caso a Licenciatura em Ciências do Desporto pela UTAD.

Foi precisamente neste contexto que se proporcionou a primeira experiência de lecionação de aulas, o que começou a ter influência na futura escolha do professor estagiário. A paixão pela transmissão de conhecimento e pela arte de ensinar foi crescendo e, naturalmente, o Mestrado em Ensino de Educação Física no Ensinos Básico e Secundário apresentou-se como próximo passo na vida académica do estagiário. Durante o primeiro ano do ciclo de estudos foram aprofundados os conhecimentos inerentes ao ensino da EF, paralelamente houve também um aperfeiçoamento relativamente às técnicas de ensino abordadas aquando da licenciatura. Findo o primeiro ano, era chegada a altura de finalmente intervir perante a

população alvo a que o ciclo de estudos se propunha, sendo justamente neste âmbito onde se encontra inserido o EP.

2.2 Expectativas Iniciais

A escolha do CJPII para a realização do EP foi resultante do facto de esta ser uma das escolas referencia da cidade de Braga. Trata-se de uma instituição relativamente recente e em franca expansão usufruindo já de um estatuto de relevo dentro da cidade, sendo cada vez mais procurada por alunos e encarregados de educação, não só devido às suas excelentes instalações, como também à excelência dos resultados apresentados por aqueles que a frequentam.

Alicerçado nos factos supramencionados foi então opção de o estagiário abordar a direção pedagógica do colégio no sentido de aferir da disponibilidade de acolher o aspirante a professor no ano letivo de 2018/2019. O diretor pedagógico mostrou-se totalmente disponível a ajudar e não colocou quaisquer entraves para a realização do EP. A partir deste momento ficou claro para o estagiário qual o local onde iria ter o seu primeiro contacto com a realidade da profissão.

Torna-se então quase inevitável a criação de algumas expectativas relativamente ao primeiro momento de interação com os alunos, com os professores, funcionários ou instalações. O facto de o aspirante a professor ser o único estagiário na escola revelava-se um pouco “assustador” no sentido em que teria de passar pelo processo de integração na escola sozinho, ao invés dos colegas que estão integrados em núcleos de estágio. Esta foi talvez a maior apreensão antes do início de todo o processo. Relativamente à interação com as turmas, o principal receio era que os alunos não lhe reconhecessem a mesma autoridade que reconhecem ao professor titular. Como tal, o objetivo era demonstrar confiança e segurança na transmissão de conhecimentos em termos motores, cognitivos e sociais, promovendo neles o gosto pelas aulas de EF e pelo Desporto em geral de modo a que os estudantes percebessem a paixão do estagiário pela EF e ficassem motivados para o seguir. É opinião do professor estagiário que as aulas de EF devem ser motivadoras e prazerosas para a turma, sendo este o seu principal desígnio. Uma grande expectativa do estagiário era de facto perceber se o seu modo de lecionação da aula promoveria efetivamente o prazer e a motivação nos alunos.

No que concerne à relação com os professores, o intuito era mostrar total disponibilidade para ajudar em todas as atividades organizadas pelo CJPII e encarar o estágio com a máxima seriedade possível aplicando conhecimentos e desenvolvendo competências e capacidades essenciais ao exercício da profissão docente, designadamente a capacidade de planificar, a capacidade de observar e de refletir sobre a prática e a autonomia. Fundamentalmente, mostrar proatividade e vontade de participar ativamente no dia a dia do colégio de forma a não ser considerado um corpo estranho no corpo docente e ser integrado com a maior celeridade possível.

Por último, as expectativas do estagiário sobre o PC eram de que fosse uma pessoa acessível e disponível para esclarecer todas as dúvidas e receios, convertendo-se sobretudo no elo de ligação entre o aspirante a professor e o universo CJPII.

3.Contexto de Intervenção

3.1 A Escola

A função da escola vai muito mais além do que a simples transmissão de conhecimentos sistematizados. Dotar os alunos de conhecimentos, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo fazem da escola um espaço essencial para o desenvolvimento harmonioso daqueles que a frequentam, conferindo-lhes as faculdades necessárias para encontrar respostas às exigências do seu campo profissional ou de acordo com as necessidades de desenvolvimento individual e social (Alves Linhares, da Silva Irineu, Silva, Figueredo, & Sousa, 2014).

O CJPII encontra-se situado numa quinta com cerca de 8000 m² na Freguesia de Dume, na cidade de Braga. É composto por duas estruturas: o palacete restaurado e o edifício construído de raiz com arquitetura moderna. No palacete funciona a creche, a secretaria, o gabinete da direção, o gabinete médico / enfermagem, a sala de arrumos, uma casa de máquinas e o sótão.

A valência de creche está dividida em três salas: berçário com sala parque, fraldário e copa de leite; sala marcha a 2 anos com casa de banho privativa e sala de refeições; sala 2-3 anos, também com casa de banho privativa e sala de refeições.

No edifício de arquitetura moderna, no rés-do-chão, além da portaria encontram-se treze salas de atividades / aulas, um refeitório, uma cozinha, casas de banho divididas por género e para deficientes, uma sala de prolongamento e uma sala de expressões artísticas. É neste edifício que funcionam as valências de pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico.

No piso superior funcionam catorze salas de aula, quatro gabinetes individuais para os órgãos de gestão intermédia, uma sala de Educação Musical, uma sala de Educação Visual e Tecnológica, dois laboratórios, devidamente equipados, para Física e Química e Biologia / Ciências Naturais, uma Biblioteca / Ludoteca com espaço de reprografia apetrechado com equipamento de impressão digital, uma sala de informática, uma sala de professores, uma sala de jogos para os alunos, uma sala de apoio, um bar, uma arrecadação e casas de banho divididas por género. Neste piso funcionam os 2º e 3º ciclos do ensino básico, bem como o ensino secundário. Todas as salas estão equipadas com material informático, permitindo a utilização de recursos multimédia.

No prolongamento deste edifício encontra-se implantado e em funcionamento o pavilhão gimnodesportivo, com salão multiusos polivalente contíguo, seis balneários (masculino e feminino) devidamente equipados bem como, seis salas de arrumos. Estas, estão apetrechadas com todo o material necessário para abordar as modalidades de futebol, futsal, voleibol, andebol, basquetebol, rugby, ginástica artística e de aparelhos, corfebol, hóquei de campo, badminton, patinagem e atletismo no decorrer das aulas de Educação Física.

O exterior do colégio possui dois parques de jogos infantis, um para o pré-escolar e outro para os restantes alunos, campo de futebol e parque de estacionamento.

3.2 Núcleo de Educação Física

O Núcleo de EF do CJPII é composto por quatro professores, e neste caso por um estagiário e cumpre com as orientações expressas nos Programas Nacionais de Educação Física (PNEF) no que concerne aos níveis introdutório, elementar e avançado.

No início do ano letivo são elaboradas pelo grupo de Educação Física as planificações anuais da disciplina bem como os respetivos critérios de avaliação, posteriormente aprovados em conselho pedagógico. Neste campo, os alunos são convidados a escolher a forma como querem ser avaliados no domínio psicomotor relativo ao “saber fazer”. Aos alunos, são apresentadas três propostas de avaliação sendo que cada uma tem ponderações diferentes nos distintos parâmetros que compõem o domínio. Deste modo, os alunos têm possibilidade de escolher a opção que melhor se adequa às suas características e que porventura lhes permitirá atingir maior sucesso no processo ensino-aprendizagem. A ponderação na nota final prevista para este domínio são 60%. A restante percentagem está dividida em 30% para o domínio sócio afetivo e 10% para o domínio cognitivo, sendo que os parâmetros de avaliação dentro destes domínios têm todos as mesmas ponderações. A possibilidade de escolha é transversal aos alunos do 2º e 3º ciclo bem como ao ensino secundário.

Adicionalmente, é também no início da época letiva que fica definido o calendário geral de atividades, contudo, as datas já costumam estar pré delineadas sendo que o Núcleo aposta sempre na realização dos torneios na última semana de cada período, com a exceção do torneio de voleibol onde a prática habitual é ser realizado no mês de setembro.

Para além disto, é também nesta fase que fica determinada a ocupação do pavilhão e a divisão do mesmo consoante o horário das turmas.

A relação do estagiário com o Núcleo de EF foi bastante proveitosa havendo constante comunicação, não só com o PC, mas com todos os professores que integram o núcleo mostrando total predisposição para ajudar em qualquer eventualidade. Aqui, o estagiário mostrou total disponibilidade para colaborar com o departamento com o grande objetivo de absorver o máximo de conhecimento possível e integrar-se no seio da comunidade do colégio. Foi permitido, de bom grado, ao estagiário participar em todas as atividades planeadas sendo-lhe atribuídas tarefas de importante responsabilidade para o bom funcionamento das mesmas.

Importa também referir que a opinião do estagiário foi tida em conta em situações passíveis disso mesmo acontecer e, tomada em consideração pelo Núcleo de EF.

3.3 Turmas

Sendo uma das premissas do EP o estagiário ter a seu cargo duas turmas de ciclos de ensino diferentes foi-lhe concedida, por parte do PC, liberdade de escolha nesse aspeto. Consequentemente, a escolha recaiu na turma A do 8º ano referente ao 3º ciclo do ensino básico, e na turma C do 10º ano relativo ao ensino secundário. Importa acrescentar que o 10ºC correspondia também à direção de turma do PC.

No que concerne à caracterização das turmas, aquando do início das aulas o 8ºA era composto por 23 alunos, dos quais 9 eram do género feminino e os restantes 14 eram do género

masculino. Posteriormente no segundo período houve a entrada de uma nova aluna ficando a turma com 24 membros, mais se informa, que nenhum aluno apresentava Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Relativamente a turma 10^oC, pertencente ao curso Científico Humanístico de Ciências e Tecnologias, era constituída inicialmente por 23 alunos. Entretanto, ocorreu a inscrição de uma aluna que, posteriormente, voltou a sair da turma após lhe terem sido reconhecidas equivalências às disciplinas contidas no plano de estudos em funcionamento, tendo transitado de imediato para o 11^o ano. Contudo, esta não foi a única alteração na composição da turma pois, houve um novo ingresso no início do 2^o período, desta feita de um aluno. Sendo assim, e até a final do ano, a turma ficou constituída por 24 alunos, sendo que 14 eram do género feminino e 10 eram do género masculino. Tal como no 8^o ano nenhum aluno apresentava NEE.

Não obstante, dois alunos apresentavam atestado médico de longa duração, portanto, a sua avaliação era diferenciada com os critérios de avaliação a estarem divididos em dois parâmetros. Eram eles o domínio cognitivo com a ponderação de 70% e o domínio sócio afetivo com a ponderação de 30%.

3.4 Estudo de Turma

O grande objetivo do Estudo de Turma (ET) é ter um conhecimento mais aprofundado sobre a turma, perceber as particularidades contextuais dos alunos e identificar indicadores que possam condicionar o processo ensino-aprendizagem. Este instrumento é uma ferramenta essencial para que o planeamento do professor possa ir de encontro às capacidades da turma, “pois o planeamento é o resultado de um processo de reflexão e de tomada de decisão” (Azambuja, Conte, & Habowski, 2017) com o intuito de maximizar o tão importante processo de ensino-aprendizagem.

“Os atos de planear e executar devem ser ações conjugadas e não separadas e exclusivas. Os que vão ser os sujeitos para os quais se dirige a ação do plano devem participar no planeamento, expressando as suas ideias, os seus problemas, os seus interesses, as suas necessidades, os seus objetivos e as suas possibilidades, para agilizarem, com maior eficiência, a ação transformadora” (Menegolla & Sant'anna, 2002). É, precisamente, neste âmbito que o ET manifesta uma importância superlativa no processo de ensino, assumindo-se como uma forma de comunicação dos alunos com o professor.

Sendo assim, o ET permite, aquando do planeamento docente, a antecipação de estratégias preventivas por parte do estagiário com o propósito de ajudar os alunos a superarem as dificuldades e a alcançarem os objetivos propostos (Lopes et al., 2016).

Posto isto, a população alvo do estudo foi a direção de turma do PC, a turma 10^o C. Os alunos foram convidados a preencher dois documentos entregues pelo estagiário no dia 23 de novembro de 2018 no início da aula de Educação Física. Foi feita uma explicação inicial sobre o porquê do preenchimento destes questionários e qual a pertinência dos mesmos. Foi-lhes assegurado que toda a informação transmitida seria sujeita a tratamento sigiloso.

O primeiro documento entregue foi um questionário referente à caracterização individual do aluno, findo o seu preenchimento foi entregue um segundo documento relativo as relações interpessoais dentro da turma.

Relativamente ao questionário individual, este era composto por 5 grandes grupos: 1º Vida Escolar; 2º A disciplina de EF; 3º Saúde/Higiene; 4º Nutrição; 5º Desporto.

No grupo referente à vida escolar, 39% dos alunos referiram estar em ano de estreia no colégio ou na turma como tal, mereceram especial atenção com vista a sua total integração num novo espaço escolar e numa nova turma. O professor estagiário deu oportunidade a estes alunos de vivenciarem diferentes grupos de trabalho assegurando a sua interação com todos os elementos da turma. Outra estratégia interessante foi a de conferir-lhes autonomia na própria formação dos grupos, atribuindo-lhes o papel de capitães e a liberdade na escolha dos próprios parceiros. No que concerne à disciplina preferida dos alunos houve muita heterogeneidade de respostas sendo que a EF apenas foi votada por 3 estudantes como a preferida.

Todavia, no que refere ao interesse pela disciplina de EF, já no 2º grupo do questionário individual, 83% da turma revelou ter muito interesse pela disciplina. Como tal, não se previam entraves para a lecionação das aulas nem para outras propostas relacionadas com a área em questão que o professor estagiário pudesse apresentar. Os resultados revelaram que os alunos acreditavam no potencial da disciplina e estavam recetivos aos conteúdos que esta contemplava. No que diz respeito à modalidade preferida dos alunos, a eleita foi o basquetebol, sendo que a modalidade eleita como aquela onde existiam maiores dificuldades foi a ginástica. Com esta informação o estagiário pôde utilizar a modalidade preferida como recompensa para a turma devido ao empenho nos objetivos da aula libertando algum tempo no final para a prática da mesma, já no caso da ginástica optou por conteúdos mais fáceis que levaram ao sucesso dos alunos aumentando gradualmente o seu gosto pela prática.

Quanto ao grupo de saúde/higiene, 70% dos alunos relataram não ter problemas de saúde sendo que, 30% afirmaram ter complicações nesta área, no entanto, apenas 2 alunos apresentaram atestado médico de longa duração impossibilitante à prática da EF. A partir deste momento foi dever do professor estagiário recolher a informação essencial sobre os problemas relatados pelos alunos e estar atento a eventuais sintomas que surgissem em situação de aula onde fosse recomendável a paragem da prática de exercício físico. Em relação ao banho, apenas 5 pessoas responderam que tomavam banho sempre no final da aula e a grande maioria da turma referiu que apenas tomava banho às vezes. Foi função do estagiário alertar os elementos da turma acerca desse facto. Uma das estratégias foi, juntamente com o PC, ter uma conversa com a turma sobre a importância deste tema, alertando-os para os malefícios disso mesmo.

Analisando agora o parâmetro da nutrição, o primeiro dado que se destacou foram os dois alunos que referiram apenas fazer uma refeição durante o dia. Foi imperativo falar com eles individualmente para tentar perceber o porquê de isto acontecer e contactar igualmente os respetivos encarregados de educação para aferir se estavam ocorrentes da situação. Posteriormente os outros professores do concelho de turma foram alertados para estarem atentos a linguagem corporal dos alunos em questão. O segundo dado de realce foram os alunos que afirmaram fazer apenas 3 refeições diárias sendo elas o pequeno almoço, almoço e jantar. Estes alunos devem foram sensibilizados pelo estagiário a incluírem os lanches a meio da manhã e a meio da tarde na sua rotina diária de forma a não estarem tanto tempo em jejum. Cerca de 16 alunos referiram que têm a preocupação de comer alguma coisa antes da aula para assegurar que tem energia para a realizar ao passo que 7 alunos não mostraram essa preocupação. Como tal, foi dever do professor estagiário alertar para a importância da alimentação antes da aula para não haver quebras de rendimento nos alunos nem casos de hipoglicemia durante a prática. Esteve igualmente atento para a deteção de sintomas que os alunos possam apresentar durante a aula.

Por fim, relativamente ao parâmetro desportivo foi possível verificar algum ecletismo dentro da turma o que na ótica do professor estagiário foi positivo pois permitiu utilizar os alunos como agentes de ensino quando foram abordadas nas aulas as modalidades onde estes eram, ou já tinham sido, federados.

O parâmetro sociométrico permitiu perceber as preferências dos alunos entre os seus pares proporcionando o conhecimento sobre quais eram os mais rejeitados pela turma e os que assumiam os papéis de líderes. Posto isto, foi possível identificar dois líderes dentro da turma, um género masculino e um do género feminino. Estes alunos apresentavam um elevado índice de preferência social, consequentemente foi possível inferir que eram competentes nas suas relações interpessoais e possuíam grande influência junto das escolhas do grupo. Foi de todo o interesse por parte do professor utilizar estes alunos para fazer chegar a sua mensagem a turma e ter os alunos todos do seu lado empenhados a atingir os objetivos propostos. No polo oposto ficaram também definidos os alunos com mais rejeições tendo sido o dever do professor estagiário traçar estratégias de inclusão destes elementos. Uma dessas estratégias passou pela utilização destes alunos como agentes de ensino, fazendo-os passar por vivências de sucesso, fazendo deles um exemplo para a turma, tornando-os mais aceites pelos seus pares.

Houve também especial atenção na escolha de grupos de trabalho. Esta escolha foi criteriosa, a matriz sociométrica foi tida em conta para evitar situações de exclusão aos alunos mais rejeitados.

4. Estágio Pedagógico

4.1 Planeamento

No centro de toda a atividade pedagógica está a definição de objetivos. A sua determinação permite avaliar, corrigir, orientar e monitorar o processo de ensino-aprendizagem (Aranha, 2004). A deliberação de objetivos serve como um guia para o docente, permitindo determinar estratégias e evitar comportamentos desviantes com a finalidade de potencializar o processo de ensino-aprendizagem. Todavia, para que isto seja possível é necessário perceber o contexto onde se está enquadrado. É fundamental conhecer a realidade onde a escola está inserida, a realidade da própria escola e da turma, percebendo quais são as reais características do grupo.

Por conseguinte, tendo como base esta definição de objetivos, segue-se o planeamento da atividade pedagógica sendo que, tal como acima referido, a noção do contexto escola, meio e turma é também basilar para o êxito da planificação (Aranha, 2004).

Podemos então depreender que os objetivos definidos e a planificação se complementam. “Na planificação são determinados e concretizados os objetivos mais importantes da formação e educação da personalidade, são apresentadas as estruturas coordenadoras de objetivos e matéria, são prescritas as linhas estratégicas para a organização do processo pedagógico”(Bento, 2003).

É também através da planificação que se conjuga a própria formação docente com o processo de ensino, procurando melhores resultados como resultante do confronto diário com os problemas teóricos e práticos. “ O ensino é criado duas vezes: primeiro na conceção e depois na realidade” (Bento, 2003).

Inerente a todo o processo de planeamento está também a processo de análise. Após o término de cada acontecimento planeado é necessário deliberar, analisar e avaliar criticamente, de modo a perceber se realmente se foi ao encontro ao que estava proposto e se, foram alcançados os objetivos definidos. Fundamentalmente, após finalizar cada episódio planeado é necessário fazer um balanço do ocorrido, pretendendo, melhorar o planeamento do episódio seguinte. Para tal, o docente, deve procurar responder a três questões essenciais:

- (1) Aconteceu aquilo que realmente devia ter acontecido?
- (2) O que não aconteceu e devia ter acontecido?
- (3) O que aconteceu e não devia ter acontecido?

Mediante a resposta a estas três questões é possível criar estratégias com o objetivo de aperfeiçoar o próximo acontecimento a ser planeado.

O processo de planear pode ser decomposto em três fases; a fase de conceção referente ao planeamento propriamente dito, onde se selecionam, determinam e alinham objetivos e estratégias; posteriormente encontra-se a fase de aplicação destinada à execução de tudo o que estava previamente concebido; por fim, a fase de avaliação, talvez a mais importante das três pois está sempre presente nas fases anteriores avaliando as possibilidades que se manifestam, possibilitando que o planeamento se adequa a realidade do contexto. Esta, antecede a fase de

conceção e, no decorrer da mesma, avalia as decisões tomadas de modo a atestar coerência com o contexto. Avalia de igual modo a efetividade prática durante a fase de execução permitindo fazer adaptações a imprevistos controlando a atividade pedagógica. Por fim, permite também avaliar o resultado final do processo de ensino num todo, desde a sua conceção, execução até ao produto (Aranha, 2004).

Após a análise sobre todo o processo de planeamento e sobre toda a sua importância, percebendo-o como fundamental para promover o desenvolvimento equilibrado do aluno, resta agora ao estagiário apresentar todos os níveis de planeamento elaborados durante o EP. O planeamento para o ensino de EF é composto por diferentes níveis devido “a lógica da realização progressiva do ensino, da perspetiva sistémica e de continuidade, do seu caráter processual e do seu decurso temporal” (Bento, 2003).

Os diferentes níveis da planificação docente devem seguir uma sequência lógica que vá de encontro ao objetivo pretendido e assumirem uma complementaridade entre si. Segundo Bento (2003) os distintos planos são elaborados, inter-relacionados e percebidos como etapas intermédias e indispensáveis no caminho para o aumento da qualidade de conceção e de melhoria da realização do ensino.

Os diversos níveis de planeamento postulados são o plano anual, os planos periódicos de unidades didáticas e os planos de aula (Bento, 2003).

4.1.1 Plano Anual

Trata-se de um plano de perspetiva global situando o programa de ensino no contexto da turma envolvida. Para Bento (2003) a realização do plano anual estabelece o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz especialmente um entendimento e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, assim como reflexões acerca da organização convergente do ensino no decurso de um ano letivo.

Deste modo no início do ano letivo, o estagiário em reunião com o PC, elaborou para as 2 turmas a seu cargo o plano anual. Em concordância com o PC e com os objetivos do PNEF ficaram decididas quais as modalidades a abordar bem como os respetivos níveis.

Relativamente ao 8º ano as unidades didáticas (UD) a serem abordadas no 1º período seriam o andebol, o atletismo, e o voleibol. No 2º período teríamos o futebol, novamente o atletismo e o basquetebol. Por fim, no 3º período o rugby e a ginástica de aparelhos seriam as modalidades de eleição. De salientar que em todos os períodos 4 aulas estavam previstas para a realização da bateria de testes FITescola.

No que concerne ao 10º ano o hóquei, o futebol e o atletismo seriam abordadas no 1º período, ao passo que, o basquetebol, corfebol e andebol seriam lecionadas no período seguinte. Aquando do 3º período ginástica de aparelhos e voleibol estariam presentes. Tal como no 8º ano, em todos os períodos 4 aulas estavam previstas para a realização da bateria de testes FITescola.

4.1.2 Unidades Didáticas

“ Um planeamento do ensino a longo prazo, centrado na conceção didática da UD, cria os melhores pressupostos para a realização do ensino, para a formação racional e consciente de conhecimentos e competências fundamentais, para um trabalho contínuo e sistemático no processo da educação e para a utilização mais eficaz do tempo disponível” (Bento, 2003).

De acordo com o mesmo autor as UD's são partes fulcrais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e indicam, tanto aos professores como aos alunos, nítidas e bem distintas etapas de ensino e aprendizagem (Bento, 2003).

Segundo Carmona (2012) “as UD's são um instrumento que ajuda a organizar aprendizagens e a articular conhecimentos.” A mesma autora refere ainda que “a UD é uma forma de planificar e organizar o processo ensino-aprendizagem numa duração de tempo variável” (Carmona, 2012) .

Aquando da conceção da UD, o professor tem o papel de já ter reunido um conjunto de informações prévias relativas aos objetivos a abordar, aos recursos que a escola dispõe para as aulas de EF e informação relativa população alvo, neste caso a turma. “O planeamento começa com a sensibilização acerca dos objetivos deduzidos do programa, do plano anual e de materiais auxiliares. O objetivo é o critério mais importante de decisão acerca do conteúdo. Por outro lado, objetivo e conteúdo determinam a partir também das condições concretas da turma, o método” (Bento, 2003).

Posto isto, é essencial que os objetivos sejam claros e que seja utilizada uma metodologia motivadora com uma abordagem adequada assim como os recursos apropriados. Para além disso os conteúdos da sequência didática devem apresentar um encadeamento lógico (Carmona, 2012).

Adicionalmente, é fundamental entender o ensino como um “processo integral”, o planeamento tem que ser algo superior à simples distribuição da matéria pelas diversas aulas tem que ser uma ferramenta basilar para uma transcendente qualidade e eficácia do processo real de ensino (Bento, 2003). Por conseguinte, a UD tem de contemplar aulas que trespasssem as várias funções didáticas.

“Nas diferentes aulas da unidade, devem ser assumidas as funções e tarefas didáticas do processo integral de apropriação” (Bento, 2003).

Após definição no plano anual acerca das UD's a lecionar durante o EP e tendo em consideração estes pressupostos, foi opção de o estagiário a criação de génese o seu próprio modelo de UD para ambos os ciclos de ensino em que estava inserido.

Ficou então deliberado que iria ter a seu cargo as UD's de andebol e voleibol para o 8º ano e as UD's de andebol, voleibol, basquetebol, atletismo e ginástica de aparelhos para o 10º ano, perfazendo assim um total de 7 UD's a serem administradas pelo estagiário. A primeira UD a ser abordada foi o andebol no 8º ano. Tratando-se da UD de estreia foi também o “choque” inicial para o estagiário na sua primeira confrontação com a realidade da profissão, finalmente toda a teoria ia ter a sua aplicabilidade na prática.

Inicialmente na UD estavam previstas 10 aulas de 50 minutos, mas devido a um equívoco por parte do estagiário na contabilização das aulas lecionaram-se 15 aulas de 50 minutos. A origem do erro esteve no facto de as aulas de 100 minutos terem sido contabilizadas apenas como uma aula, e não como duas aulas de 50 minutos como, de facto, era a forma correta de as definir. Aqui, a atitude do PC foi fundamental no sentido de ajudar o estagiário a perceber o erro e a dar-lhe confiança para continuar com o processo previamente planeado adaptando posteriormente o número de aulas da seguinte UD. À parte desta situação as estratégias adotadas no início da UD revelaram-se eficazes com os alunos a mostrarem-se curiosos e motivados com os conteúdos e a evoluírem constantemente. Para além do desenvolvimento do domínio técnico nos diferentes conteúdos a UD promoveu de igual forma exaltação da personalidade dos alunos. Uma das estratégias adotadas foi a obrigatoriedade de os alunos criarem um aquecimento dirigido para a modalidade em questão, neste caso o andebol, e posteriormente, o aplicarem na turma durante os primeiros 15 minutos da aula. Esta estratégia visou não só estimular a curiosidade do saber e o espírito crítico como também, desenvolver as capacidades de expressão e comunicação dos alunos indo de encontro ao defendido por Bento (2003) de que o planeamento da UD tem de criar “pressupostos corretos para a aquisição de conhecimentos, habilidades e capacidades fundamentais e para o desenvolvimento integral da personalidade dos alunos”. Esta estratégia para além de ir de encontro ao defendido pelo autor visou simultaneamente atingir os objetivos do projeto educativo do CJPII relativos à promoção do desenvolvimento integral da criança, fomentando um crescimento equilibrado.

Apesar do andebol ter sido a UD inicial no EP, não foi a que mais dificuldade criou no aspirante a professor. Esse papel estava destinado às UD's de voleibol e atletismo do 10º ano. Devido a motivos do foro interno do CJPII, alheios ao estagiário, as UD's acima referidas necessitaram de ser ministradas em simultâneo. Inevitavelmente, ocorreu também uma redução do número de aulas programadas para as modalidades em questão aquando da conceção do plano anual.

Por conseguinte, após deliberação com o PC, a estratégia empregue consistiu em abordar as duas modalidades no bloco horário de 100 minutos (quarta-feira). A primeira aula ficava destinada para o voleibol e a segunda para o atletismo. No bloco horário de 50 minutos (sexta-feira) apenas o voleibol iria ser trabalhado.

Posto isto, ficaram definidas 7 aulas para a UD de Voleibol e 4 aulas para a UD de atletismo. Consequentemente, devido à redução do número de aulas, a estratégia utilizada foi a de diminuir os conteúdos a serem abordados permitindo, maior tempo de prática aos alunos para assimilarem os restantes conteúdos da melhor maneira possível assegurando-se também a passagem pelas várias funções didáticas. Dentro da UD de voleibol, a parte final da primeira aula da semana estava destinada a situação de jogo sendo que a segunda aula da semana era exclusivamente reservada para essa mesma variante. Importa ressaltar que eram situações de jogo reduzido. Apesar de todas as condicionantes, estas estratégias aliadas a diminuição dos conteúdos a lecionar revelaram-se importantes ferramentas para o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos. A turma em geral mostrou melhorias ao longo da UD pois verificou-se maior capacidade de sustentação de bola e prioridade absoluta aos três toques em situação de jogo, porém, mais importante ainda foi o facto de perceberem a importância de adotar uma postura correta que permita reagir o mais rapidamente possível às eventualidades do jogo. Sendo assim o balanço geral da UD foi positivo apesar de todas as limitações.

No que se refere à UD de atletismo, é do entender do estagiário que as 4 aulas foram efetivamente poucas para atingir o objetivo inicialmente definido. Todavia, a estratégia adotada de progredir dos conteúdos mais simples para os mais complexos permitiu aos alunos melhorarem em relação ao nível inicial. Contudo e mediante as circunstâncias, os resultados atingidos pela turma neste curto espaço foram realmente muito bons e sendo possível adicionar as restantes aulas programadas seriam mesmo excelentes.

De ressaltar que também na UD de andebol do 10º ano houve uma redução de 3 aulas, de 12 para 9, devido à realização de um sarau de ginástica, envolvendo várias escolas da cidade, a realizar no pavilhão do CJPII. Importa referir que aquando da conceção do plano anual ainda não havia conhecimento da realização do sarau sendo organizado posteriormente pelo grupo de ginástica extracurricular. Não obstante, esta vicissitude em nada condicionou a apropriação de conhecimentos e habilidades dos alunos. A estratégia utilizada pelo estagiário foi a de remoção de apenas um dos conteúdos que tinha planeado abordar. O tempo de prática foi suficiente para os alunos alcançarem bons resultados e o domínio técnico dos diversos conteúdos. Outra das estratégias empregues foi, tal como no 8º ano, a da realização do aquecimento específico para a modalidade e posterior aplicação na turma, estimulando o desenvolvimento equilibrado dos alunos.

Relativamente às restantes UD's tudo correu conforme o planeado, orientando as turmas de encontro tanto aos objetivos de cada UD como aos do projeto educativo do CJPII. Para tal houve a sistematização de alguns procedimentos tais como: Construção e ministração de um aquecimento específico à turma durante 15 minutos; Progressão dos conteúdos do simples para o complexo; No caso de modalidades desportivas coletivas, a parte final da aula estava destinada para situações de jogo/competição.

4.1.3 Planos de Aula

A prévia elaboração da aula estabelece o elo final da cadeia de planeamento de ensino pelo professor (Bento, 2003). Trata-se, portanto, de uma consequência do planeamento anual e, sobretudo, do planeamento da UD.

É, precisamente, na UD que se dão os primeiros passos para a preparação das aulas. Os objetivos e conteúdos primordiais estão amplamente definidos, a aula está inserida no processo global da UD e está assinalada a sua função (Bento, 2003).

Sendo assim, o PA funciona como um guião de utilização diária no espaço da aula, pode ser definido como um itinerário de trabalho, um manual de uso constante. Assume-se como um roteiro que direciona uma linha de pensamento e ação (Menegolla & Sant'anna, 2002). A sua conceção é fundamental pois, "sem a antecipação conceptual acerca dos objetivos de cada aula, sem a reflexão antecipada sobre o conteúdo e a organização processual, é absolutamente impossível um trabalho sistemático, regular e consciente de educação e formação."(Bento, 2003).

Torna-se então imprescindível para o professor a realização do PA. O documento, deve ser suficientemente claro e sucinto permitindo ao docente evitar perdas de tempo a situar-se na aula e na procura da informação relevante. Não existem diretrizes obrigatórias quanto às formas de preparação escrita da aula. Todo o plano é pertinente e útil quando proporciona uma

organização plena de sentido, das reflexões do professor relativamente à configuração da aula (objetivos, conteúdo, métodos e organização) (Bento, 2003). Não obstante, existem diversos tipos de modelos de planeamento que são excelentes, contudo, não se pode afirmar que são perfeitos pois, nem todos os modelos são os melhores para todas as situações de ensino. O professor deve escolher aquele que melhor respeite a sua realidade e a dos alunos. Aquele que seja funcional e possível de ser desenvolvido no espaço de aula conferindo bons resultados no ensino (Menegolla & Sant'anna, 2002).

Posto isto, foi opção do estagiário, tal como na UD, avançar para a conceção do seu próprio modelo de PA, aprovado posteriormente pelo PC.

Durante o EP foram elaborados pelo estagiário 48 planos de aula referentes às UD's de andebol e voleibol relativas ao 8º ano e às UD's de voleibol, atletismo, basquetebol, andebol e ginástica de aparelhos referentes ao 10º ano.

No que diz respeito à organização dos documentos, tinham como base a estruturação proposta por Aranha (2004).

Folha inicial com toda a informação que permitia identificar:

- A escola, o professor, o ano, a turma, o Nº de alunos e a data e hora da aula
- A UD, o Nº da aula na UD e a função didática
- Os objetivos específicos, os conteúdos e materiais a utilizar
- Os objetivos operacionais compreendidos em Nº, ação, contexto e critérios de êxito

As seguintes folhas possuíam toda informação relativa às tarefas a executar na aula

- Sequencia de tarefas
- Tempo destinado a cada tarefa

4.2 Prática de Ensino Supervisionada

A prática de ensino supervisionada (PES) corresponde ao momento onde o estagiário começa a pôr em prática todo o seu planeamento, supervisionado pelo PC. A supervisão implica um contacto frequente entre os seus intervenientes ou seja, entre o professor experiente (PC) e o professor inexperiente (estagiário)(Carreiro da Costa, Carvalho, Onofre, Diniz, & Pestana, 1996).

“Esta relação é de ajuda e cooperação, devendo, preferencialmente, desenvolver-se no terreno da prática profissional, no seio das instalações educativas, no exercício de tarefas concretas da profissão e debruçar-se sobre as dificuldades e problemas concretos vividos pelo professor menos experiente. Ela constitui uma tentativa estruturada para superar os hiatos de formação existentes a dois níveis: entre a formação teórica recebida e a sua aplicação na prática; e entre as exigências de desempenho profissional e as carências teórico-práticas do professor em formação.”(Carreiro da Costa et al., 1996)

Apesar da intervenção do PC ter estado presente ao longo de todo o EP, foi na PES que ela se tornou realmente fundamental para o estagiário. Durante toda a sua formação académica o professor estagiário foi preparado para a realidade da profissão, ou seja, para além de ter

recebido toda a informação teórica relativamente ao contexto escolar, teve também a oportunidade de conhecer e analisar documentação relativa às áreas da conceção e organização do ensino nas escolas. Por conseguinte, aquando do EP já apresentava uma base suficientemente forte para ser relativamente autónomo nas áreas em questão, limando apenas algumas arestas com o PC. Por outro lado, foi na PES que ocorreu o primeiro contacto do estagiário com os alunos algo que não se verificou de todo ao longo da formação académica anterior e, foi também aqui que a intervenção do PC se acentuou com vista a ajudar o professor estagiário com todas as suas dúvidas e receios.

Segundo Bento (2003) “A aula é não somente a unidade organizativa essencial, mas sobretudo a unidade pedagógica do processo de ensino”, portanto, a sua importância no processo de ensino-aprendizagem é inequívoca e inquestionável. Partindo deste pressuposto, e indo de encontro a opinião do estagiário, a supervisão pedagógica assume um papel preponderante na formação docente permitindo ao professor estagiário aumentar a sua capacidade de análise, reflexão e compreensão do ensino, levando a uma aula com melhor qualidade e assegurando o desenvolvimento da personalidade e das capacidades dos alunos.

Durante o EP foram lecionadas pelo estagiário 65 aulas obedecendo a 10 parâmetros (Aranha, 2008):

- 1º Parâmetro Introdução da aula: no início da aula, o estagiário, de forma clara e sem perda de tempo informa os alunos dos objetivos da aula relacionando-os com aulas ou etapas da Unidade Didática, sublinhando as regras a cumprir e os cuidados a ter (comportamentos, atitudes, normas de segurança, disciplina, etc.), não se observando dispersão dos alunos;
- 2º Parâmetro Mobilização dos alunos para as atividades: o estagiário intervém sistemática, correta, e estrategicamente com os alunos (individual, grupo ou turma) solicitando a superação das suas capacidades na realização das tarefas incentivando-os, assim, a participar ativamente nas atividades propostas;
- 3º Parâmetro Organização, Controlo e Segurança das Atividades: o estagiário organiza a atividade no espaço da aula de tal modo que lhe permite o cumprimento dos objetivos da aula e a deteção e prevenção de situações de risco, posicionando-se e circulando no espaço de aula, intervindo sistematicamente na execução das tarefas pelos alunos, ajudando-os e eliminando assim fatores perturbadores de eficácia da aula;
- 4º Parâmetro Gestão dos Recursos: o estagiário faz a gestão do tempo de aula (período de instrução/demonstração, de organização e de transição) de material utilizado e dos grupos constituídos, de acordo com os objetivos da aula, adaptando-se oportunamente aos seus imprevistos tendo em vista a maximização do tempo de empenhamento motor;
- 5º Parâmetro Instrução/Introdução das atividades: o estagiário explica e/ou demonstra clara e oportunamente a atividade/exercício, recorrendo, quando necessário, a alguns alunos e/ou a auxiliares de ensino, para o apoiar na transmissão da matéria, com eficácia e economia de tempo;
- 6º Parâmetro Regulação das Atividades: o estagiário intervém sistemática e eficazmente na ação dos seus alunos, corrigindo (feedback), estimulando (incentivo) e estruturando o seu comportamento (disciplina/condução apropriada/socio afetividade) a fim de os orientar na correta execução dos exercícios e no adequado comportamento, mantendo elevados os níveis de motivação e empenho dos alunos;

- 7º Parâmetro Linguagem Utilizada: o professor utiliza uma linguagem clara e acessível à compreensão do seu significado pelos alunos utilizando termos técnicos oportuna e adequadamente;
- 8º Parâmetro Sequencia da aula: a aula apresenta uma estrutura coordenada, coerente, continua e sem quebras em que a intensidade e dificuldade das tarefas estão adequadas às capacidades dos alunos;
- 9º Parâmetro Conclusão da Aula: o professor conclui a aula de modo sereno e tranquilo, realizando um balanço da atividade (dando feedback aos alunos) e despertando os alunos para as etapas seguintes da Unidade Didática (extensão dos conteúdos- aulas seguintes);
- 10º Parâmetro Concordância com o plano/Adaptabilidade na Aula: a aula decorrer genericamente de acordo com o plano de aula e/ou perante situações imprevistas, o professor revela capacidade para se adaptar, integrando-as ou não no plano previsto, sem, contudo, perder de vista os objetivos definidos e o essencial da aula.

Com o intuito de potenciar e rentabilizar o processo ensino-aprendizagem, ao longo de todas as aulas foi preocupação constante do estagiário respeitar estes 10 parâmetros tendo em consideração as técnicas de intervenção pedagógica propostas por Siedentop (1983, citado por Aranha, 2004).

4.2.1 Técnicas de Intervenção Pedagógica

Cabem ao professor as tarefas de planear, organizar e controlar o processo de ensino-aprendizagem e, sendo assim, as técnicas de intervenção pedagógica são uma ferramenta interessante no sentido de o ajudar nesse processo, permitindo-lhe melhorar a eficácia pedagógica e consequentemente desenvolver um ensino mais eficiente (Aranha, 2004).

As técnicas de intervenção pedagógica relacionam-se com um amplo número de competências que o docente deve dominar e processam-se em quatro Dimensões: Instrução, Gestão, Disciplina e Clima. Estas competências não devem ser analisadas individualmente, mas sim em conjunto, interrelacionando-se permitindo ao professor ser e praticar um ensino eficaz.

4.2.1.1 Dimensão Instrução

Para Aranha (2004) esta dimensão refere-se aos procedimentos, relacionados com a promoção de atividades de aprendizagem. Remete também para os comportamentos do professor, que se conectam diretamente com os objetivos de aprendizagem, visando a comunicação de informação sobre a matéria de ensino, tais como preleção, explicação, demonstração e feedback. Essencialmente esta dimensão tem por âmbito a capacidade de o professor transmitir apenas informação pertinente e necessária.

Foi premissa do estagiário desde a primeira aula não transmitir demasiada informação aquando da instrução da aula, de forma a não perder a atenção por parte dos alunos. Portanto, as estratégias adotadas foram as de cingir a informação relativa ao objetivo específico da aula e aos respetivos critérios de êxito do mesmo. No caso de haver mais do que um objetivo específico

na aula, a informação sobre o mesmo apenas era transmitida à turma depois de os objetivos operacionais anteriores se terem concretizado.

Na primeira aula ficaram estipuladas as regras de segurança como tal, nas aulas subsequentes os alunos já revelavam a preocupação de não utilizar objetos passíveis de prejudicar a sua segurança e a dos colegas. Não obstante, durante a instrução o estagiário esteve sempre atento para a deteção desses mesmos objetos para eventuais casos de esquecimento como também a situações de possível perigo relacionadas com o espaço onde iria decorrer a aula.

Finda a instrução, seguia-se a demonstração do primeiro objetivo operacional, onde os alunos teriam a oportunidade de executar o gesto técnico abordado na instrução. Aqui, um conjunto de discentes eram utilizados como agentes de ensino e sob orientação do professor executavam o exercício demonstrando a dinâmica aos restantes colegas. Esta estratégia permitia ao professor não só reforçar os critérios de êxito, mas também referir alguns pontos-chaves para o bom desenvolvimento do exercício.

Como forma de otimizar a demonstração foi opção de o estagiário começar já nesta fase a dirigir feedback (FB) aos alunos no sentido de os ajudar a melhorar a eficiência do gesto técnico a abordar bem como a incrementar a dinâmica do próprio exercício. No decorrer dos diversos objetivos operacionais das aulas, a postura do professor estagiário pautou-se inicialmente por uma fase de observação com vista a uma eventual deteção de erros comuns à turma, optando neste caso pela utilização do FB coletivo. Posteriormente, analisando o comportamento da turma após a intervenção e mediante as circunstâncias, avançava para novo FB coletivo ou para o FB individual. Caso esta situação não se verificasse, recaía sobre os alunos uma análise mais individualizada. Aqui o FB imitado incidia sempre em enaltecer aquilo que o aluno estava a executar de forma correta, elogiando-o, e só posteriormente era referido o que podia melhorar, tendo sempre em conta a informação abordada na instrução. Deve ser ressalvado que após a interação com o aluno, o aprendiz dispunha de tempo suficiente para repetir os gestos técnicos e fazer uma reflexão crítica sobre a própria performance antes de novo FB por parte do professor (Rosado & Mesquita, 2011).

4.2.1.2 Dimensão Gestão

Segundo Aranha (2004) este campo relaciona-se com os procedimentos relativos à promoção de estruturas de organização. Alude também para os comportamentos do professor que visam produzir consideráveis índices de comprometimento dos alunos com a matéria de ensino, tais como gestão das situações de aprendizagem, de organização, de transição e do comportamento dos alunos. Fundamentalmente esta dimensão tem por âmbito as capacidades de o professor potencializar o tempo útil da aula.

Aqui, um dos procedimentos utilizados pelo estagiário foi o envio, via email, para a turma de um documento com informação detalhada sobre a modalidade a desenvolver na UD bem como alguns vídeos elucidativos referentes aos gestos técnicos a abordar. Esta estratégia visou essencialmente dotar os alunos de informação relevante para posteriormente apelar à sua própria cognição aquando da instrução da aula, permitindo ao professor focar apenas os pontos-chaves dos objetivos da aula, economizando tempo precioso de aula evitando explicações muito longas e detalhadas.

Outra estratégia de suma importância adotada pelo professor estagiário em relação à instrução da aula foi a de ser sempre realizada com os alunos posicionados de frente para o docente, de costas para as entradas do pavilhão, mas sobretudo fora das linhas laterais do campo. A preparação do espaço de aula e dos materiais necessários era sempre feita pelo professor antecipadamente. O facto de a instrução ser efetivada fora do campo economizava tempo precioso aquando da demonstração pois, os alunos utilizados como agentes de ensino nesta situação já tinham uma visão ampla sobre o espaço do exercício e deslocavam-se rapidamente para as posições pretendidas. A restante turma também não perdia tempo a encaminhar-se para fora do campo para ver a demonstração do exercício. Outra vantagem inerente a esta situação era o facto dos alunos que estivessem a assistir de fora, posteriormente saberem exatamente para onde se deslocar inclusivamente em situações de montagem de duas ou mais estações.

Com o desenrolar das aulas ficou definido como sinal de atenção para os alunos o apito. Após ouvirem o apito deviam imediatamente parar todas as suas ações e escutar a informação proferida pelo estagiário. Relativamente ao FB transmitido era sempre claro e objetivo estando relacionado com a instrução.

Todos os alunos auxiliavam na mobilização do material permitindo assim reduzir o tempo de transição, já os alunos com atestado médico de longa duração assessoravam o docente no registo de presenças bem como na recolha do material.

4.2.1.3 Dimensão Disciplina

Esta dimensão diz respeito aos procedimentos referentes à promoção de comportamentos adequados. Aborda todas as atitudes do docente que visam a conversão de condutas inapropriadas em condutas apropriadas. Essencialmente as capacidades do professor em modificar e promover comportamentos apropriados fazem parte do âmbito desta dimensão (Aranha, 2004) .

Tal como referenciado anteriormente na primeira aula ficaram estipuladas as regras de segurança bem como a obrigatoriedade de em todas as aulas de EF serem utilizados os uniformes do CJPII destinados para o efeito. Posto isto, os alunos ficaram alertados para o restante ano letivo sob pena de não poderem participar na aula no caso de incumprimento destas premissas.

Relativamente a comportamentos inadequados ao longo do ano letivo efetivamente não aconteceram com os alunos a revelarem uma conduta excecional indo de encontro aos valores da Dimensão Humana presentes no Projeto Educativo do CJPII.

4.2.1.4 Dimensão Clima

A dimensão clima refere-se aos processos relacionados com a consumação de um ambiente caloroso e humano. Visa os comportamentos do professor, que se relacionam diretamente com as interações pessoais e as relações humanas, aspirando um clima de aula favorável, nomeadamente nas interações com os alunos e no entusiasmo da sua otimização. São

sobretudo todos os procedimentos adotados pelo professor para conseguir um clima educacional agradável e positivo que fazem parte do âmbito desta dimensão (Aranha, 2004).

Com o desenrolar das aulas o estagiário foi adotando uma postura de proximidade em relação a turma, mostrando-se totalmente disponível para ajudar os alunos em qualquer assunto. Esta postura verificava-se também no PC que para além de acompanhar a turma há vários anos possuía também a função de diretor de turma. Foi precisamente o PC, o grande impulsionador para o estagiário conseguir criar esta relação com a turma de forma a ir de encontro ao perfil do educador/professor do CJPII, apresentado novamente no projeto educativo do colégio. Aqui, o professor deve praticar uma pedagogia da presença e estar próximo do aluno, dentro e fora da sala de aula, através da promoção de um bom relacionamento, prevenindo comportamentos inadequados.

De forma a melhorar a relação entre os próprios alunos a escolha dos grupos de trabalho deveria ser criteriosa. Sendo assim, foi precisamente isso que aconteceu, auxiliado pela matriz sociométrica do estudo de turma, o estagiário procurou que a formação dos grupos de trabalho fosse o mais diversificada possível. Aqui os alunos mais rejeitados tiveram a oportunidade de vivenciarem os papéis de capitães dentro dos grupos de com o intuito de os valorizar perante a turma, evitando situações de exclusão. Para além desta situação, usufruíram também da oportunidade de serem utilizados como agentes de ensino com o objetivo de os tornar exemplos perante a turma devido ao sucesso demonstrado nestas circunstâncias promovendo a sua melhor integração. Tudo isto foi devidamente ponderado com o grande intuito de aumentar a união da turma promovendo assim um clima positivo durante a aula.

Relativamente ao FB, e estando já descrito acima, a estratégia passou por primeiro evidenciar uma ação bem realizada (FB positivos) e só depois focar a atenção naquilo que foi menos bem executado (FB negativos), indo de encontro a Rosado e Mesquita (2011) onde afirmam que esta opção permitirá melhorar o clima da turma, pelo aumento dos encorajamentos e dos elogios das boas atuações dos alunos.

4.2.2 Feedback

“Após a realização de uma tarefa motora por parte de um aluno ou atleta, este deve, para que o seu desempenho seja melhorado, receber um conjunto de informações acerca da forma como realizou a ação.” (Rosado & Mesquita, 2011).

É, precisamente, neste domínio que surge o FB e, pedagogicamente, pode ser definido como um comportamento de reação do professor, verbal ou não, à resposta motora do aluno relacionada com os objetivos de aprendizagem. Possui uma índole informativa e motivadora, aliada à função de influenciar a qualidade da prestação motora, no sentido da concretização dos objetivos. Para além de ser um elemento da eficácia pedagógica do professor o FB constitui uma condição indispensável à aprendizagem (Aranha, 2004).

Ao longo do EP o FB foi um dos principais motivos de reflexão por parte do estagiário com o grande objetivo de melhorar a sua intervenção perante a turma. Uma das grandes preocupações foi estar devidamente familiarizado e atualizado relativamente às diversas modalidades que foi abordando, estudando-as previamente com o intuito de ter na sua posse todas as informações necessárias para as transmitir de forma clara à classe, eliminando qualquer

tipo de dúvidas. Um FB só pode ter qualidade se forem dominados pelo docente os conteúdos da matéria (Rosado & Mesquita, 2011). Importa anuir que a intervenção de carácter puramente apreciativo não acarreta nenhuma informação específica em relação ao que se fez e ao que se deve executar de seguida para melhorar. Efetivamente, não basta dizer aos alunos se a execução é o não correta, é indispensável especificar depois o que é considerado correto ou incorreto e apontar o que fazer de seguida para melhorar (Rosado & Mesquita, 2011).

Uma das principais dificuldades evidenciadas pelos alunos nos jogos desportivos coletivos prendia-se com a tomada de decisão, apesar da aprendizagem da habilidade motora já estar dominada quando exercitada num contexto individual. Aqui, os FB's, aquando da demonstração e aquando da prática, revelavam-se bastante profícuos pois incidiam apenas nos critérios de êxito preponderantes para a ação. Todavia, em situações de jogo reduzido ou formal os alunos tinham dificuldade em criar situações para expressar essas habilidades motoras. Posto isto, o estagiário percebeu que os FB's teriam de ser ajustados ao contexto do exercício. Como tal, em contextos individuais manteve a estratégia de focar a sua intervenção nos critérios de êxito da execução dos movimentos ao passo que nos contextos coletivos optou por incidir a sua análise relativamente às ações a executar para potenciar o sucesso da habilidade.

Não obstante, em qualquer das situações foi preocupação constante do estagiário dirigir FB aos alunos e observar a prática consequente a esse mesmo FB com o intento de perceber se a correção anterior surtiu o efeito na nova execução para de novamente diagnosticar e prescrever novo FB se necessário (Rosado & Mesquita, 2011). Estes ciclos de feedback para além de auxiliarem o aluno a melhorar a sua prestação motora tinham também como finalidade fazerem o aluno sentir-se acompanhado pelo professor, fazê-lo sentir-se parte integrante da aula, e não como um corpo estranho dentro da mesma, mantendo-o motivado para a realização da tarefa pois, como refere Bento (2003) "Sem motivos o homem não se põe em movimento".

"O feedback resulta, assim, de uma competência de tomada de decisões oportunas com base numa seleção e num processamento da informação pertinente recolhida durante uma observação formal ou informal, envolvendo não só a análise da resposta motora do aluno, mas também do ambiente em que ela se desenvolve." (Rosado & Mesquita, 2011).

Sendo assim, este processo de análise à prestação motora dos alunos envolvendo o diagnóstico dos erros e a prescrição do FB adequado para os corrigir, de certo modo, justifica a presença do professor na aula. Aqui, o professor revela todo o seu conhecimento específico não só sobre os modelos de execução das habilidades, mas também sobre o contexto onde se concretizam.

4.3 Balanços

Fazer uma análise crítica da própria atividade desenvolvida torna-se imprescindível para a melhoria do processo ensino. No caso da inexistência de um trabalho de reflexão suficientemente aprofundado torna-se impossível a avaliação dos alunos e da atividade pedagógica do professor, consequentemente sem o controlo constante da qualidade do ensino nenhum professor é capaz de assegurar a eficácia e a melhoria da sua prática pessoal (Bento, 2003). Foi principalmente ao nível da PES que o estagiário começou a ter a real perceção da importância da construção de reflexões sobre a sua própria conduta bem como sobre o seu planeamento.

Segundo Bento (2003) “A reflexão posterior à aula, o controlo e análise do processo de ensino e do rendimento dos alunos, constituem um domínio no qual se passa em revista a sua planificação e realização.”. A elaboração de balanços de aula e de UD tem como finalidade a análise dos resultados obtidos através da atividade, identificando as causas de sucesso ou insucesso da mesma mediante as estratégias previamente definidas.

Após o término de cada aula, havia um momento de diálogo entre o PC e o estagiário onde era analisada a prestação do professor estagiário na PES. Este período de reunião revelava-se precioso aquando da realização do balanço de aula pois, o estagiário, para além da sua própria percepção tinha já em sua posse a opinião do PC acerca dos pontos positivos e negativos sobre a aula finda.

Deste modo, o balanço de aula assume extrema importância pois é aqui que se inicia o planeamento mental da aula seguinte. As dificuldades reveladas pelos alunos devem ser alvo de uma análise minuciosa por parte do estagiário com o intuito de perceber a real natureza dessas mesmas dificuldades. Posto isto, analisam-se as estratégias adotadas avaliando se tiveram o efeito desejado, caso isso não se verifique, sugerem-se novas estratégias a pôr em prática na aula subsequente. Adicionalmente, a própria escolha de exercícios, os FB's utilizados bem como o comportamento do docente devem ser alvo de reflexão. Por conseguinte, toda esta informação exposta no balanço de aula deve ser tida em conta na altura da realização do planeamento da próxima aula.

“Sem uma reflexão posterior acerca das aulas, sem uma avaliação crítica do próprio trabalho, verifica-se imediatamente um retrocesso dos resultados em todos os aspetos do ensino: da aprendizagem, da docência, da sua planificação, preparação e realização.”(Bento, 2003).

Seguindo esta linha de pensamento, todas as aulas foram alvo de uma avaliação crítica por parte do estagiário com o desígnio de perceber se realmente se foi ao encontro do que estava previamente planeado. Para tal, em cada balanço de aula eram colocadas as três questões fundamentais: (1) Aconteceu aquilo que realmente devia ter acontecido? (2) O que não aconteceu e devia ter acontecido? (3) O que aconteceu e não devia ter acontecido?

Mediante a resposta a estas três interrogações era possível perceber quais os comportamentos e estratégias a alterar para potencializar o processo de ensino. Não obstante, era também possível apurar os pontos positivos de cada aula, mantendo as estratégias definidas, inclusive fortalecendo-as.

Todavia, não só as aulas eram alvo desta avaliação crítica por parte do estagiário. Finda a UD eram analisados os resultados obtidos de acordo com as estratégias definidas aquando da sua conceção. Eram também apresentadas propostas de manutenção e/ou de modificação de estratégias visando a busca constata da mestria e do aperfeiçoamento contínuo com o intento de garantir uma maior eficácia num futuro processo de ensino-aprendizagem.

4.4 Avaliação

Para Aranha (2004) “A avaliação refere-se à recolha de informações necessárias para um (mais) correto desempenho. É um regulador por excelência de todo o processo ensino-aprendizagem. É a consciência do próprio sistema educativo.”.

Durante todo o EP e em cada UD os alunos foram sujeitos a três momentos de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa.

Relativamente as avaliações diagnósticas, foi opção do PC serem todas realizadas no primeiro período. Após estarem definidas as UD's a abordar no decorrer do ano letivo, as primeiras aulas do período foram dedicadas a avaliação diagnóstica de cada UD. Antes de se dar início ao processo, a turma deve ser alvo de uma avaliação inicial que possibilite perceber o real nível dos alunos, constituindo um indicador fundamental para a definição de objetivos, estratégias e metodologias (Aranha, 2004). Desta forma, foi opção de o estagiário elaborar grelhas de registo com escalas de apreciação bastante objetivas para que o processo de avaliação fosse simplificado. Sendo assim, o grande objetivo foi a obtenção de informações relativas ao nível apresentado pela turma de forma a adequar o programa ao nível de aprendizagem dos alunos, permitindo assim apresentar objetivos e situações de aprendizagem mais ajustadas.

A realização da avaliação diagnóstica revelou-se fundamental pois aquando da conceção do planeamento das respetivas UD's o estagiário possuía informação relevante para adaptar os objetivos de ensino às reais capacidades apresentadas pela turma de modo a aproveitar as suas potencialidades e a combater as dificuldades reveladas.

No que concerne à avaliação formativa, decorreu em todas as aulas da UD mediante observação e posterior anotação nas fichas de registo. Esta avaliação assume um papel de regulação, que informa sobre o decorrer do próprio processo e provê potenciais indicações sobre a forma de resolução de determinadas dificuldades evidenciadas. A avaliação formativa facilita a deteção e a correção de insuficiências parciais em cada sequencia de objetivos (Aranha, 2004). Foi precisamente neste âmbito que a avaliação formativa manifestou toda a sua importância na deteção de erros no processo de aprendizagem e na orientação do aluno para a superação dessa mesma dificuldade. Não obstante, a recolha de dados sobre a prestação dos alunos permitiu também reformular, quando necessário, a planificação do ensino por parte do estagiário.

No que respeita à avaliação sumativa, o seu grande desígnio é fazer uma sumula do que ocorreu ao longo do processo, refletido pelo sucesso ou insucesso do produto, ou seja, fornece informações sobre o produto final e possibilita fazer um balanço da atividade (Aranha, 2004). Posto isto, no final de cada UD os alunos eram sujeitos a este momento de avaliação com o propósito de verificar a sua progressão face aos objetivos estabelecidos inicialmente. A avaliação sumativa integrou todos os domínios assentes nos parâmetros e critérios de avaliação apresentados à turma no início do ano. Todavia, a sua verdadeira incidência recaiu sobre o domínio psicomotor (60%), pois os restantes domínios, socioafetivo (30%) e cognitivo (10%) eram avaliados ao longo da UD. Sendo assim, a avaliação das capacidades motoras consistiu na observação e no registo de uma classificação numerada numa escala de 0 a 5, sendo que 0 equivale a não executa e 5 a executa muito bem, das ações previamente abordadas.

Contrariamente ao que se possa pensar o professor não deve somente avaliar os alunos, tem obrigação de avaliar todo processo ensino-aprendizagem incluído a sua própria ação pois, segundo Bento (2003) "O sucesso do ensino depende tanto da atividade do docente como das atividades de aprendizagem dos alunos."

Estando o ensino direcionado para a realização de objetivos e para o alcance de resultados, avaliar esses mesmos resultados torna-se fundamental para analisar a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. Bento (2003) considera esta avaliação como uma avaliação

do produto e no caso de os resultados serem manifestamente pobres tendo em conta os objetivos definidos torna-se oportuno fazer uma avaliação do processo. De acordo com o mesmo autor esta avaliação visa direcionar a análise do docente diretamente para o próprio processo ensino-aprendizagem. Torna-se então oportuno o exame da qualidade das circunstâncias, nas quais surgem os resultados da aprendizagem.

Durante o EP estas duas avaliações, no entender do estagiário indissociáveis, estiveram presentes em todas as aulas lecionadas. Os balanços de aula serviram como uma avaliação dos resultados alcançados pelos alunos naquela aula de acordo com os objetivos definidos para essa mesma aula. Porém, a análise de todas as estratégias definidas e do planeamento da aula permaneceu sempre indispensável pois, foi essa avaliação que forneceu as indicações de fundo necessárias à interpretação dos dados da avaliação do produto.

5. Atividades Organizadas pelo Núcleo de Educação Física

5.1 Torneio de Voleibol 4x4

O torneio de voleibol foi a primeira atividade organizada pelo Núcleo de EF do CJPII no ano letivo 2018/2019 com o grande objetivo de desenvolver o gosto pela modalidade e, contou obviamente com a participação do professor estagiário. O evento tinha como público alvo os alunos do 2º e 3º ciclos bem como os do ensino secundário e as equipas tinham a obrigatoriedade de terem em campo simultaneamente alunos dos dois géneros.

Aqui, foram acumuladas duas funções pelo estagiário, a primeira dizia respeito ao preenchimento do resultado dos respetivos duelos entre as equipas no quadro final de jogos, a segunda tarefa foi a arbitragem de algumas partidas, para além da ajuda na montagem dos campos de jogo. Finda a primeira fase do torneio, foi também responsável pelo preenchimento do “line up” das equipas apuradas.

5.2 Meeting de Atletismo do 1º Ciclo

O evento estava direcionado para os alunos do primeiro ciclo e contemplava 5 provas: lançamento do peso, lançamento do dardo, corrida de velocidade 40 metros, salto em altura e salto em comprimento. O grande objetivo da atividade era desenvolver o gosto pela atividade física nos alunos mais novos do colégio.

Para além do auxílio na montagem do recinto, foi precisamente na prova do salto em comprimento que o estagiário centrou a sua ação. Foi responsável pelo controlo total da estação, tomando nota de todas as marcas alcançadas pelos alunos, para posteriormente entregar essa informação ao responsável pelo tratamento dos dados e afixação dos resultados.

5.3 Torneio de Badminton 2x2

O torneio disputou-se no último dia de aulas do 1º período e teve como alvo toda a comunidade estudantil dos ensinos básico e secundário. O grande propósito do torneio era fomentar o gosto pela modalidade e promover a confraternização entre os alunos. Numa fase inicial as equipas estavam distribuídas por grupos de acordo com o seu ciclo de ensino, posteriormente seguiram-se as eliminatórias.

A ação do estagiário incidiu na montagem dos campos, encaminhamento das equipas para o recinto de jogo e arbitragem de algumas partidas.

5.4 Corta-mato escolar

A atividade estava destinada aos alunos do 2º e 3º ciclos como também aos alunos do secundário e contou com forte adesão dos estudantes. O evento tinha como finalidade o apuramento dos alunos que iriam representar o CJPII no corta-mato distrital. Os alunos foram divididos por género e por escalões e a distância do percurso ajustada de acordo com o escalão.

A participação do professor estagiário na atividade iniciou com a ajuda na montagem do percurso. Aquando da corrida, foi responsável pela vigilância numa das curvas do percurso para orientar os alunos na direção certa devido a questões relacionadas com a segurança dos mesmos.

5.5 Torneio de Basquetebol

O torneio de basquetebol teve como destinatário novamente toda a comunidade estudantil dos ensinos básico e secundário. Simultaneamente aos torneios realizados até então, apresentava também o aumento do gosto pela prática da modalidade e pela prática de atividade física bem como o convívio entre os alunos como os seus principais desígnios. Tal como no torneio de voleibol, manifestava a obrigatoriedade de as equipas serem mistas com a presença simultânea dos dois géneros em situação de jogo.

A arbitragem de jogos foi a única função desempenhada pelo estagiário no decorrer desta atividade.

5.6 Corta-mato pré-escolar e primeiro ciclo

Um dos desígnios do projeto educativo do CJPII é valorizar o ideal desportivo como fonte de saúde, disciplina, espírito de grupo e competitividade. É precisamente neste sentido que surge o corta-mato do pré-escolar e primeiro ciclo com o intento de inculcar este ideal desportivo nos alunos de idade mais precoce, para além de potenciar o convívio entre todos os estudantes. Tal como no corta-mato do 2º, 3º ciclo e secundário os alunos foram divididos por género e por escalões e a distância do percurso ajustada de acordo com o escalão.

Durante a atividade o estagiário ficou responsável pelo encaminhamento dos participantes para o recinto da atividade, assegurou o constante fornecimento de águas por parte do bar aos participantes, foi também responsável pela reportagem fotográfica que cobriu todo o evento para além da ajuda na montagem do recinto.

5.7 Torneio de Futebol 7x7

Esta atividade realizou-se no último dia de aulas do 3º período, tendo como público alvo os alunos dos ensinos básico e secundário. Aqui os grandes objetivos foram fomentar o gosto pela modalidade e pela competição saudável entre equipas como também a confraternização

entre colegas. As equipas estavam divididas de acordo com o seu ciclo de ensino e o torneio apresentava um formato inicial de fase grupos seguindo-se a fase de eliminatórias para determinar os vencedores. As equipas eram de sete elementos e tinham de ter obrigatoriamente dois elementos do sexo feminino sempre em jogo.

Aqui, as funções desempenhadas pelo estagiário foram a montagem dos três campos de jogo e a arbitragem de todos os jogos decorridos no campo número três.

5.8 Dia do Patrono

O dia do Patrono comemora-se a 18 de maio sendo o dia de aniversário da Sua Santidade Beato Papa João Paulo II. Apesar de se tratar de um evento transversal a toda a comunidade educativa, o núcleo de EF teve uma forte participação na montagem e organização do recinto onde iriam decorrer os jogos populares.

Foi precisamente aqui que o estagiário centrou a sua ação, participou de forma ativa na montagem do recinto e foi responsável pela vigilância de uma das estações onde iriam ocorrer os jogos da corrida de barbatanas e da corrida de skis.

6. Reflexão Crítica

Fazendo uma retrospectiva e refletindo sobre todo EP é possível afirmar com toda a certeza que se trata de uma etapa fundamental na formação docente pelo simples facto de enquadrar o professor estagiário no contexto escolar permitindo-lhe vivenciar todo o processo devidamente orientado. A familiarização com as práticas da organização e da conceção do ensino na escola, apesar de na ótica do estagiário não serem o principal foco do EP, assumem um papel relevante. Conferem alguma visão ao aspirante a professor sobre como todo o ensino se processa, apetrechando-o já com conhecimento necessário para lidar com este tipo de questões aquando da entrada no mercado de trabalho propriamente dito.

Sendo assim, na nossa perspetiva, a interação com as turmas e a lecionação das aulas assumem-se como a base do EP. Contudo, de forma a potenciar a prática letiva devem ser tidos em conta os diversos níveis de planeamento pois permitem ao professor selecionar e organizar os conteúdos mais significativos para os seus alunos, facilitam a organização dos conteúdos de forma lógica, ajudam o professor a selecionar os melhores procedimentos para desencadear um ensino mais eficiente e fundamentalmente evitam a improvisação, a repetição e a rotina no ensino (Menegolla & Sant'anna, 2002).

Posto isto, uma das grandes ilações que o estagiário retira deste EP é a importância que o planeamento assume para se atingirem os objetivos propostos. Deste modo, o professor tem noção clara acerca daquilo que quer alcançar na aula tomando decisões pedagógicas devidamente ponderadas e orientadas para a realização dos objetivos de ensino. O facto de as aulas serem devidamente planeadas permitem adicionalmente ao professor antecipar cenários de dificuldades com que a turma se possa debater. Aquando da lecionação se esses cenários realmente se verificarem o docente apresenta uma maior rapidez na intervenção bem como o antídoto ideal para a resolução do problema, potenciando maior tempo de atividade motora à turma. Não obstante, podem surgir complicações inesperadas e, é precisamente neste sentido que os balanços de aula assumem um papel de relevo.

A importância que os balanços de aula constituem no planeamento, é outra das grandes aprendizagens que o professor estagiário leva deste EP. Essencialmente, o seu grande desígnio é a análise e reflexão por parte do docente sobre aula lecionada. As dificuldades reveladas pelos alunos são alvo de estudo e são propostas estratégias de aprendizagem diferentes a colocar em prática na aula seguinte. Tornam-se assim, juntamente com os objetivos inicialmente definidos, no ponto de partida para o próximo planeamento de aula.

Refletindo agora sobre a própria lecionação das aulas, é inevitável não começar pela instrução. Neste parâmetro o objetivo foi sempre ser conciso e não transmitir demasiada informação evitando a dispersão dos alunos. No entanto, com o desenrolar das aulas os alunos do 10º ano foram revelando alguns sinais de impaciência bem como dificuldades em prestar atenção à informação transmitida pelo estagiário, comparativamente com a turma do 8º ano. Esta situação era decorrente do facto dos blocos horários destinados à EF estarem presentes nos últimos tempos da manhã e da tarde na turma do ensino secundário. Naturalmente, foi possível inferir que esses alunos não apresentavam a frescura mental da turma do 8º ano onde a EF era sempre a primeira aula do dia. Posto isto, esta variável deve realmente ser considerada aquando da prática letiva assumindo-se como outra das ilações que o professor estagiário retém de todo este processo.

No que concerne ao FB pedagógico, este, é da máxima importância para que o aluno tenha sucesso na tarefa que esta a desempenhar, tendo sido um dos principais alvos de reflexão por parte do aspirante a professor.

Durante a formação superior, a experiência de lecionação de aulas por parte do estagiário ocorre num contexto completamente diferente. Aqui, o objeto de intervenção são os colegas de turma, indivíduos que apresentam um elevado nível de consciencialização corporal aliado a uma elevada capacidade proprioceptiva decorrente do seu background desportivo, algo que não se verifica de todo no contexto escolar do EP. Durante a lecionação das aulas o estagiário ganhou verdadeira noção da importância desta variável particularmente na interpretação proprioceptiva dos movimentos dos alunos. Neste sentido, durante a prática o FB auditivo não era suficiente para o aluno melhorar a sua prestação, era necessário haver uma demonstração visual acompanhada de uma intervenção cinestésica para o aluno ficar realmente consciencializado da execução correta do movimento.

A importância da utilização de diferentes tipos de FB na lecionação das aulas revelou-se assim mais uma conclusão importante que o aspirante a professor retira deste EP.

Apesar das intervenções de carácter corretivo deverem ser relacionadas com a instrução fornecida pelo professor, nomeadamente com a informação transmitida aquando da apresentação da tarefa motora ao referir os seus critérios de êxito (Rosado & Mesquita, 2011) por vezes podem não ser suficientes para uma boa dinâmica no objetivo operacional. Esta situação verificou-se principalmente nos jogos desportivos coletivos onde o FB direcionado para os critérios de êxito da habilidade motora, presente no objetivo específico da aula, não assegurava uma boa dinâmica no exercício. Os alunos revelavam dificuldades em criar condições para ir de encontro ao objetivo da aula principalmente em situações de jogo reduzido ou formal.

A turma deve ser orientada dentro do exercício e não receber apenas informação relacionada com a habilidade motora. Essa informação em nada os irá ajudar no caso de não conseguirem criar condições para a executar. Como sugestão de aperfeiçoamento, o estagiário propõe não ter uma abordagem tão rígida quanto ao FB. Este, não deve ser cingido apenas aos critérios de êxito mencionados na instrução. Os alunos devem receber também FB no sentido a maximizarem a criação de condições favoráveis para a concretização do objetivo da aula. Após a criação destas situações favoráveis, torna-se então pleno de sentido administrar um FB centrado nos critérios de êxito da habilidade motora expressa no objetivo específico da aula.

Esta foi talvez a maior dificuldade sentida pelo estagiário sendo precisamente resultante do facto da sua falta de experiência na lecionação de aulas nestas faixas etárias. Como já referido anteriormente, durante o primeiro ano de mestrado e inclusivamente ao longo de toda a licenciatura os únicos momentos de intervenção enquanto docente são perante os colegas de turma. Estando este género de população completamente adaptada a estímulos deste tipo, o professor estagiário não vivencia verdadeiras dificuldades na condução da aula ao invés do que se verifica no EP.

Relativamente à avaliação, o aspirante a professor terminava cada UD com o momento de avaliação sumativa. Eram perceptíveis sentimentos de apreensão e ansiedade nos alunos o que se refletia diretamente na sua performance. Dentro deste momento de avaliação, não foram raros os casos em que os alunos não conseguiram atingir o seu habitual nível de execução, demonstrado durante as aulas antecedentes. Para além destas condicionantes é também possível inferir que todo um outro conjunto de incidências relacionadas com o foro pessoal dos alunos possam ter influência na sua prestação. Uma noite mal dormida, um problema pessoal

ou um dia mais cansativo são acontecimentos passíveis a serem limitativos ao desempenho dos estudantes durante a avaliação sumativa. Como tal, é do entender do estagiário que esta forma de avaliação não deve ser encarada como um momento que define em absoluto a nota final do aluno. Esta, deve sim, ser entendida como um momento sério, formal e rigoroso que é complementado com a avaliação formativa, tendo o professor a obrigação de ter um conhecimento aprofundado sobre os alunos e a sensibilidade para atribuir notas justas, mediante o nível apresentado ao longo de toda a UD. Posto isto, esta é mais uma das considerações pertinentes que o professor estagiário retira do EP.

Para além das aulas ministradas às turmas do 8ºA e 10ºC, foi dada oportunidade ao estagiário de lecionar pelo menos três aulas a turmas de ciclos de ensino diferentes. Sob supervisão do PC, o aspirante a professor teve a chance de intervir junto do pré-escolar, do primeiro ciclo e do segundo ciclo. Esta oportunidade revelou-se uma experiência gratificante e enriquecedora pois permitiu ao professor estagiário vivenciar de perto as diferentes abordagens metodológicas no processo de ensino de cada ciclo.

Por conseguinte, durante o EP foi possível entender que cada ciclo de ensino apresenta um desafio diferente para o professor. As turmas apresentam características e especificidades distintas, cabendo ao professor moldar a sua conduta, adaptando-a à turma e criando estratégias no sentido de se atingirem os objetivos propostos para os diferentes níveis de ensino.

No que respeita às atividades organizadas pelo núcleo de EF, tiveram um papel de relevo na integração do estagiário no universo CJPII. Ao longo do ano foi visível uma adesão em massa não só por parte de alunos como também por parte dos professores. O ambiente descontraído, associado a estas atividades, e a promoção do convívio entre a comunidade escolar revelaram-se fatores determinantes para o estagiário aprofundar o conhecimento sobre os costumes do colégio.

7. Considerações Finais

O presente documento é um testemunho pessoal relativo ao percurso do estagiário dentro do EP. Ao longo do relatório foram apresentadas todas as tarefas realizadas pelo aspirante a professor dentro do EP, como também todas as dificuldades sentidas e as respetivas estratégias traçadas para as superar.

Findo todo este processo foi possível perceber a importância que o EP assume na formação docente, na medida em que permite ao professor estagiário compreender melhor a organização da “Escola”, contextualizando o papel do professor de EF nas diversas áreas de atuação. Simultaneamente, apela à reflexão crítica sobre a própria prática letiva no sentido de aprender a identificar lacunas no planeamento e na conceção do ensino para posteriormente definir estratégias para as colmatar.

Adicionalmente, o EP proporciona o contacto com turmas de ciclos de ensino diferentes permitindo ao aspirante a professor vivenciar um leque de situações diferenciadas, agindo de forma pensada e situada, percebendo a necessidade de ajustar o ensino às distintas características de cada turma como também às características particulares de cada aluno.

Em suma, este documento é o desfecho de um caminho traçado pelo aspirante a professor, espelhado de dificuldade, superação, transformação, trabalho, reflexão e de vivências marcantes, que muito contribuíram para o seu desenvolvimento enquanto professor.

8.Referências Bibliográficas

- Alves Linhares, P. C., da Silva Irineu, T. H., Silva, J. N. d., Figueredo, J. P. d., & Sousa, T. P. d. (2014). A Importância Da Escola, Aluno, Estágio Supervisionado E Todo O Processo Educacional Na Formação Inicial Do Professor. *Revista Terceiro Incluído*, 4(2). doi: 10.5216/teri.v4i2.35258
- Aranha, Á. (2004). *Organização, planeamento e avaliação em educação física: definição de objectivos: planeamento, organização e análise da actividade pedagógica: técnicas de intervenção pedagógica: avaliação*. Vila Real: UTAD.
- Aranha, Á. (2008). *Supervisão Pedagógica em Educação Física e Desporto: parâmetros e critérios de avaliação do estagiário em Educação Física: Documento de Orientação* Vila Real: UTAD.
- Azambuja, P. L., Conte, E., & Habowski, A. C. (2017). O Planeamento Docente Na Educação Infantil: Metamorfoses E Sentidos Ao Aprender. *Pesquisa Em Foco*, 22(2). doi: 10.18817/pef.v22i2.1503
- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (Vol. 3ª Ed). Lisboa: Livros Horizonte.
- Carmona, A. C. N. (2012). *A unidade didática como estratégia de ensino integrado : dos fundamentos didatológicos aos processos de construção*. (Dissertação de Mestrado Relatório de estágio), IPCB. Escola Superior de Educação, Castelo Branco.
- Carreiro da Costa, F., Carvalho, L. M., Onofre, M., Diniz, J., & Pestana, C. (1996). *Formação de Professores em Educação Física. Concepções, Investigação, Prática*. Lisboa: Edições FMH
- Lopes, M. R. S., Millen Neto, A. R., Parente, M. L. d. C., Araújo, J. G. E., Sousa, C. B. d., & Moura, D. L. (2016). A PRÁTICA DO PLANEJAMENTO EDUCACIONAL EM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: CONSTRUINDO UMA CULTURA DO PLANEJAMENTO. *Journal of Physical Education*, 27.
- Menegolla, M., & Sant'anna, I. M. (2002). *Por que planejar? Como planejar?: currículo, área, aula*. (Vol. 12ª Ed). Petrópolis: Vozes.
- Raymundo, G. M. C. (2019). O estágio supervisionado e a prática de ensino: construção de saberes para acadêmicos que atuam como professores. *Laplage em Revista*, 5(1), 132. doi: 10.24115/S2446-6220201951618p.132-146
- Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). *Pedagogia do Desporto* Lisboa: Edições FMH.
- Silva, É. D., Ferragini, N. L. d. O., & Tognato, M. I. R. (2018). Estágio Supervisionado e saberes docentes: o diário reflexivo na formação inicial. *Entrepalavras*, 8(3), 204. doi: 10.22168/2237-6321-31303

9.Anexos

1 ^o Período					
Mês	Dia	Aula nº	Conteúdos	UD	UD aulas
Setembro	12	1	Apresentação		
		2			
	14	2	Av. diagnós.		
	19	3	Av. diagnós.		
		4	Av. diagnós.		
	21	5	Av. diagnós.		
	26	6	Av. diagnós.		
		7	Av. diagnós.		
28	8	Av. diagnós.			
Outubro	3	9	Av. diagnós.		
		10	Av. aptidão física		
	10	11	- FITescola		
		12			
	12	13			
	17	14	Hóquei de campo – nível introdutório	Hq de campo	1
		15		Hq de campo	2
	19	16		Hq de campo	3
		24		17	Hq de campo
	18			Hq de campo	5
	26	19		Hq de campo	6
31	20	Hq de campo		7	
	21	Hq de campo		8	
Novembro	2	22	Futebol – parte do nível avançado	Futebol	1
	7	23		Futebol	2
		24		Futebol	3
	9	25		Futebol	4
	14	26		Futebol	5
		27		Futebol	6
	16	28		Futebol	7
		21		29	Futebol
	30			Futebol	9
	23	31		Futebol	10
28	32	Atletismo – parte do nível avançado	Atletismo	1	
	33		Atletismo	2	
	30		34	Atletismo	3
Dezembro	5	35	Atletismo	4	
		36	Atletismo	5	
	7	37	Atletismo	6	
	12	38	Atletismo	7	
		39	Auto e Hétero Avaliação		
14	Torneio de Badminton / Fim do Período				

2 ^o Período						
Mês	Dia	Aula nº	Conteúdos	UD	UD aulas	
Janeiro	4	40	Av. aptidão física			
	9	41				
		42				
		11	43			
		16	44	Basquetebol – parte do nível avançado	Basquetebol	1
			45		Basquetebol	2
		18	46		Basquetebol	3
		23	47		Basquetebol	4
			48		Basquetebol	5
		25	49		Basquetebol	6
		30	50		Basquetebol	7
			51		Basquetebol	8
Fevereiro	1	52			Basquetebol	9
	6	53			Basquetebol	10
		54			Basquetebol	11
	8	55			Basquetebol	12
	13	56	Corfebol – nível introdutório	Corfebol	1	
		57		Corfebol	2	
	15	58		Corfebol	3	
	20	59		Corfebol	4	
		60		Corfebol	5	
	22	61		Corfebol	6	
27	62	Corfebol		7		
	63	Corfebol		8		
Março	1	64	Andebol	Andebol	1	
	6	Férias de Carnaval				
	8					
	13	65	Andebol – nível elementar	Andebol	2	
		66		Andebol	3	
	15	67		Andebol	4	
	20	68		Andebol	5	
		69		Andebol	6	
	22	70		Andebol	7	
	27	71		Andebol	8	
	72	Andebol		9		
	29	73	Andebol	10		
Abril	3	74		Andebol	11	
		75		Andebol	12	
	5	76	Auto e Hétéro Avaliação / Fim do Período			

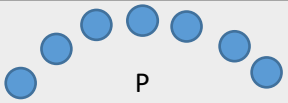
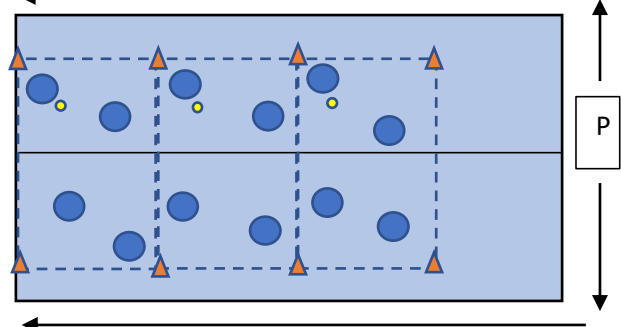
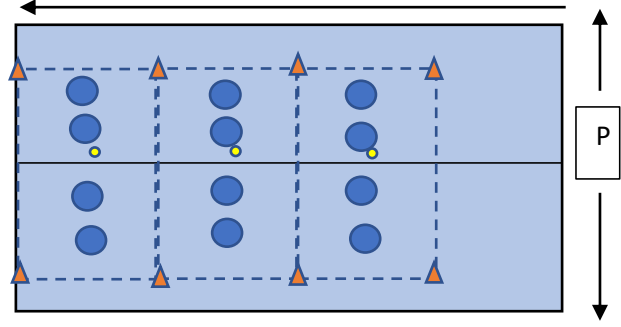
3 ^o Período							
Mês	Dia	Aula nº	Conteúdos	UD	UD aulas		
Abril	24	77	Av. aptidão física - FITescola				
		78					
	26	79					
Maio	3	80	Ginástica acrobática – nível elementar	Ginástica	1		
	8	81		Ginástica	2		
		82		Ginástica	3		
	10	83		Ginástica	4		
	15	84		Ginástica	5		
		85		Ginástica	6		
	17	86		Ginástica	7		
	22	87		Ginástica	8		
	Junho	5	88	Voleibol – parte do nível avançado	Voleibol	1	
			24		89	Voleibol	2
			29		90	Voleibol	3
91					Voleibol	4	
31			92		Voleibol	5	
Junho	5	93	Voleibol		6		
		94	Voleibol		7		
	7	95	Voleibol		8		
	12	96	Voleibol		9		
		97	Voleibol		10		
14	98	Auto e Hétéro Avaliação / Fim do Período					

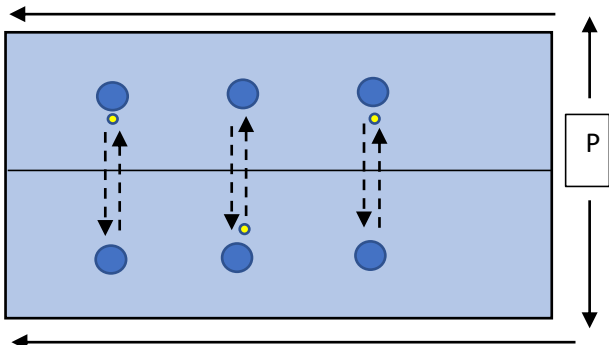
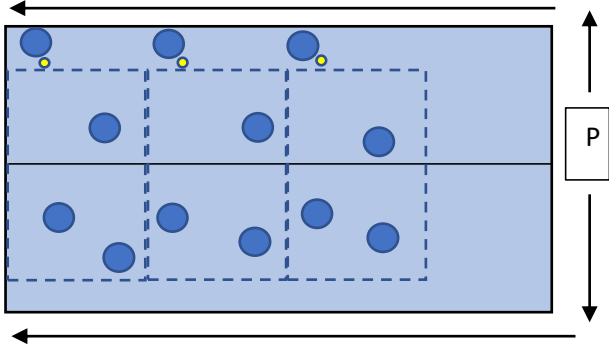
UD BASQUETEBOL									
POPULAÇÃO ALVO	Ano	10	CRITÉRIOS, PARÂMETRO S E PONDERAÇÕES DE AVALIAÇÃO	D. Sócio-afetivo "saber estar"	30%	Pontualidade e assiduidade	12%	Observação direta	
	Turma	C					Autonomia e iniciativa		6%
	Masculino	10		D. Cognitivo "saber como se faz"	10%	Questionamento	10%		
	Feminino	15		D. Psicomotor "saber fazer"	60%	Conteúdos programáticos	60%		
CARACTERIZAÇÃO DOS RECURSOS	Temporais	Início e término	Início a 16/01/2019 término a 08/02/2019						
		Número de aulas	12 aulas de 50 minutos de tempo letivo efetivo						
	Materiais	Instalações	Pavilhão CJPII						
		Material	Bolas de basquetebol; tabelas; coletes; sinalizadores; cones						
	Humanos	Funcionários	1 funcionário no apoio às aulas de E.F.						
		Outros	1 professor orientador						
DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS	D. Sócio-afetivo	1 - O aluno coopera com os companheiros, incentiva e apoia a sua participação na atividade, apresentando sugestões de aperfeiçoamento, e considerando, por seu lado, as propostas que lhe são dirigidas. 2 - Aceita as sugestões de melhoramento. 3 - Trata cordialmente e com respeito os colegas e adversários.							
	D. Cognitivo	1 - O aluno analisa a sua ação e a dos companheiros, nos diferentes tipos de situação, apreciando as qualidades e características do movimento.							
	D. Psicomotor	Em situação de jogo reduzido e condicionado 3x2: 1-Drible de progressão - Drible pela cintura; drible ao lado e à frente do corpo; movimento rápido 2-Lançamento na passada - 2 passos; último salto efetuado para cima na direção do cesto; A mão lançadora é a mão do lado em que se executa a passada; Elevar o joelho do lado que se faz a passada 3-Lançamento em apoio - Enquadrar com o cesto; agarrar a bola com as 2 mãos; mão lançadora atrás e por baixo da bola, outra mão em posição lateral; flexão do pulso							
AULAS		DATA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FUNÇÃO DIDÁTICA	ESPAÇO	MATERIAL	ESTRATÉGIAS		
Aula nº	Aula da U								
44	1	16/01/2019	Domínio da posição tripla ameaça Domínio do passe de peito Domínio do passe picado	Introdução	Pavilhão CJPII	Sinalizadores; bolas; tabelas; coletes	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Primeiros 15 min reservados para os alunos responsáveis pelo aquecimento ▶ Na instrução inicial, manter os alunos todos dentro do meu campo de visão ▶ Progressão dos conteúdos do simples para o complexo ▶ Parte final da aula destinada a jogo/competição o ▶ Aula de 50 minutos destinada apenas a situação de jogo 		
45	2	16/01/2019	Domínio da posição tripla ameaça Domínio do passe de peito Domínio do passe picado	Exercitação	Pavilhão CJPII	Sinalizadores; bolas; tabelas; coletes			
46	3	18/01/2019	Domínio da posição tripla ameaça Domínio do passe de peito Domínio do passe picado	Consolidação	Pavilhão CJPII	Sinalizadores; bolas; tabelas; coletes			
47	4	23/01/2019	Domínio do drible de progressão Domínio do drible de proteção Domínio do lançamento na passada	Introdução	Pavilhão CJPII	Sinalizadores; bolas; tabelas; coletes			
48	5	23/01/2019	Domínio do drible de progressão Domínio do drible de proteção Domínio do lançamento na passada	Exercitação	Pavilhão CJPII	Sinalizadores; bolas; tabelas; coletes			
49	6	25/01/2019	Domínio do drible de progressão Domínio do drible de proteção Domínio do lançamento na passada	Consolidação	Pavilhão CJPII	Sinalizadores; bolas; tabelas; coletes			
50	7	30/01/2019	Domínio do lançamento em apoio Domínio do lançamento em suspensão	Introdução	Pavilhão CJPII	Sinalizadores; cones; bolas; tabelas; coletes			
51	8	30/01/2019	Domínio do lançamento em apoio Domínio do lançamento em suspensão	Exercitação	Pavilhão CJPII	Sinalizadores; cones; bolas; tabelas; coletes			
52	9	01/02/2019	Domínio do lançamento em apoio Domínio do lançamento em suspensão	Consolidação	Pavilhão CJPII	Sinalizadores; bolas; tabelas; coletes			
53	10	06/02/2019	Domínio da transição ofensiva - abertura e ocupação de estações de receção Domínio do passe e corta	Introdução	Pavilhão CJPII	Sinalizadores; bolas; tabelas; coletes			
54	11	06/02/2019	Domínio da transição ofensiva - abertura e ocupação de estações de receção Domínio do passe e corta	Introdução	Pavilhão CJPII	Sinalizadores; bolas; tabelas; coletes			
55	12	08/02/2019	Domínio do drible de progressão Domínio do lançamento na passada Domínio do lançamento em apoio	Avaliação	Pavilhão CJPII	Bolas; tabelas			

Unidade Didática	Voleibol
Aula da UD	4; 5 /10
Função didática	Consolidação - passe e manchete Introdução – serviço por baixo
Hora	8:30-9:20/9:25-10:15
Tempo horário	100'
Ano/Turma	8ªA
Nº alunos	23

Objetivo Específico	Domínio do passe/toque de dedos Domínio da manchete Domínio do serviço por baixo
Conteúdos	Passe; manchete; serviço por baixo
Material	Sinalizadores; bolas; rede auxiliar; cone

Objetivos operacionais			
Nº	Ação	Contexto	Critério de êxito
1	Passe	Grupos de 4 20X10 metros	Mãos acima da cabeça e em forma de concha. Flete e estende braços Olhar dirigido para a bola
2	Passe e manchete	Grupos de 2 20X10 metros	Passe Mãos acima da cabeça e em forma de concha. Flete e estende braços e pernas Olhar dirigido para a bola Manchete Mãos sobrepostas Braços estendidos Pernas fletidas Olhar dirigido para a bola
3	Serviço por baixo	Grupos de 2 20X10 metros	Transportar a bola para zona de batimento. Tronco ligeiramente inclinado à frente Um pé ligeiramente à frente Bater a bola com a palma da mão
5	Passe e manchete Serviço por baixo	Jogo reduzido e condicionado 2vs2	Todos os conteúdos abordados anteriormente.

Horas	Tempo	Sequencia das Tarefas	Estratégias de Controlo e Organização
8:50	5	Instrução inicial	<p>Introdução ao objetivo da aula, menção das regras de segurança. Instrução do 1º objetivo operacional.</p>  <p>P - Professor ● - Alunos</p>
8:55	10	1º Objetivo operacional	<p>Divididos em grupos de 4 em cada minicampo. O aluno com bola faz passe para um dos colegas do lado oposto e tem de tocar com a mão nos dois cones nas extremidades do campo e regressar a sua posição. O aluno que recebe a bola executa a mesma sequência.</p>  <p>P – Professor ● - Bola ▲ - Cone</p>
9:05	1	T / I / O	Organização da turma nas posições para o exercício seguinte, transmissão do que se pretende com os alunos já posicionados.
9:06	6	2º Objetivo operacional	<p>Divididos em grupos de 4 em cada minicampo. O aluno com bola faz passe para um dos colegas do lado oposto e desloca-se para trás do seu parceiro. O aluno que recebe o passe devolve em passe ou manchete e desloca-se também para trás do seu parceiro. Vão mantendo esta dinâmica durante todo o exercício.</p>  <p>P – Professor ● - Bola ▲ - Cone</p>

9:12	1	T / I / O	Organização da turma nas posições para o exercício seguinte, transmissão do que se pretende com os alunos já posicionados.
9:13	10	3º Objetivo operacional	<p>A pares e posicionados um de cada lado da rede auxiliar os alunos efetuam serviço por baixo. O parceiro que recebe a bola vai alterando o seu posicionamento e quem serve tem o objetivo de colocar a bola no colega.</p>  <p>P – Professor ● - Bola</p>
9:38	2	T / I / O	Organização da turma nas posições para o exercício seguinte, transmissão do que se pretende com os alunos já posicionados.
9:40	12	5º Objetivo operacional	<p>Formação de minicampos ao longo da rede auxiliar e realização de jogos 2vs2. Regras apenas são permitidos os gestos técnicos serviço por baixo, passe e manchete.</p>  <p>P – Professor ● - Bola</p>
9:52	3	T / I / O	Ao sinal do professor os alunos recolhem o material e reúnem a frente do mesmo para o balanço final da aula.
9:55	5	Balanço final	Diálogo com os alunos sobre a aula. Revisão dos conteúdos da aula e questionamento aos alunos para perceber se foram bem interiorizados
10:00		FIM DA AULA	

Balço de Aula

Ano letivo 2018/2019

A-A

Preocupação com a técnica ao nível do passe, principalmente com as mãos em forma de concha e com a extensão de braços. Relativamente à manchete os alunos empenharam-se de igual forma para a realizar corretamente. Na situação de jogo tentaram sempre priorizar os 3 toques.

A-NA

Falta de movimentação de pernas. A maior parte da turma revelou-se muito estática e com alguma dificuldade em deslocar para baixo da bola. Por vezes ambos os gestos a saírem com pouca força também devido à falta da extensão dos membros inferiores.

NA-A

Maior sustentação da bola no ar. Principal motivo falta de movimentação de membros inferiores.

Estratégias

Colocar cones nas extremidades dos campos reduzidos e obrigar os alunos após o passe a deslocar rápido para tocar nos mesmos e voltar rapidamente à posição no campo.